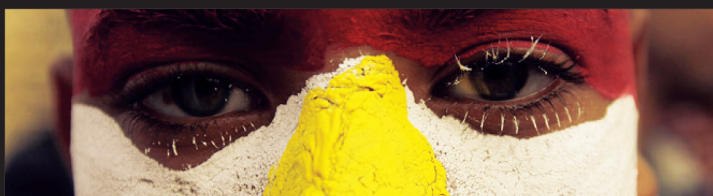
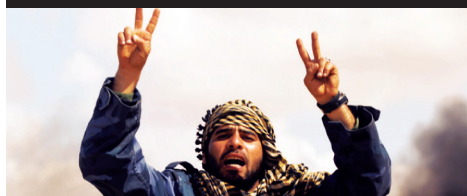
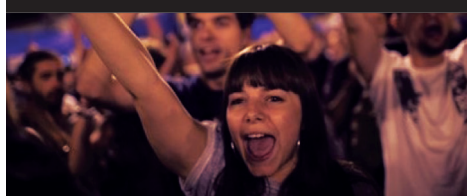
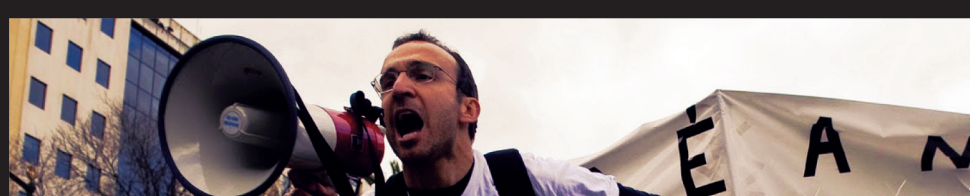
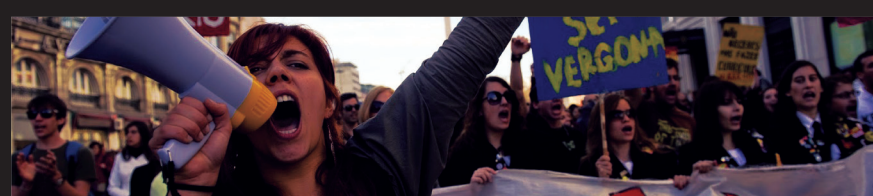
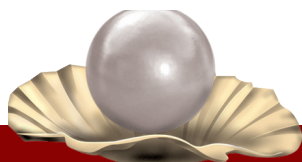
Opinião Socialista

PSTU

WWW.PSTU.ORG.BR

NÚMERO 436 ► 5 DE DEZEMBRO DE 2011 A 30 DE JANEIRO DE 2012 ► ANO 15

R$ 2

2011: UM ANO IMPOSSÍVEL DE ESQUECER

mil e onze...

Pérolas

DA SEMANA

Conseguimos tudo o que a gente queria. Dilmão concordou com tudo.

KÁTIA ABREU

Senadora (DEM-TO) e presidente da Confederação Nacional da Agricultura (CNE), com deputados ruralistas no café do Senado, comemorando mudanças no Código Florestal.

< 30/11 >

DE 2011

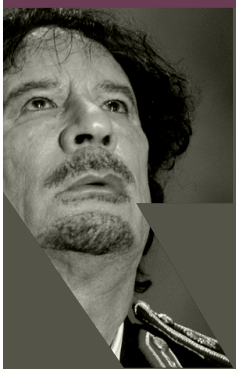
Quem quer dar aula faz isso por gosto, e não pelo salário.

CID GOMES

Governador do Ceará, sobre a greve dos professores. A frase deu início a campanha "Cid, governe por amor".

Como é que bota na selva amazônica centenas de homens sem mulher?

PAULINHO

Deputado federal (PDT-SP) e líder da Força Sindical, em leitura machista sobre revoltas nas obras do PAC.

Meu povo me ama. Minha gente morreria para me proteger.

KADAFI

Ditador líbio, após o início da revoltas em seu país. Seis meses depois, seu corpo seria exibido como trófeu.

sonhos não morrem

Cipriano Souza, de Salvador (BA)

Em 1983, quando nasci derradeiramente, estava traçado que não iria ver, a não ser pela ajuda dos teipes, a seleção que mais empolgou os brasileiros depois da geração do Tri. A equipe de 82 era uma verdadeira constelação. Meu pai dizia que a falha na conquista do título foi um mero detalhe, para uma seleção que encantava ao jogar, com craques como Júnior, Falcão, Zico e Sócrates.

Desses gênios do futebol um se destacou dentro e fora do campo. Seu nome, Sócrates Brasileiro. Nas quatro linhas, foi um craque que usou da fraqueza de Aquiles para potencializar uma jogada que desequilibrava os marcadores. Além do calcanhar, a condução era fácil e as jogadas objetivas.

Magrão, como era conhecido, ousou com seus colegas modificar as regras do jogo dentro do Corinthians. Em um país que ainda vivia uma ditadura, os atletas, juntos, construíram a chamada Democracia Corintiana, espécie de regime interno onde os jogadores decidiam os rumos do clube.

Com a campanha das Diretas, a voz de Sócrates ganhou as praças. Num comício, afirmou que se a emenda Dante de Oliveira fosse aprovada ele não deixaria o país. O comício veio abaixo. Sem dúvida, o Doutor foi um craque também na arena política.

Longe dos campos, continuou com o mesmo espírito crítico. Acompanhava suas opiniões nas páginas da revista *Carta Capital*. Na semana passada, me alegrou muito sua coluna. Sócrates mostra a hipocrisia da FIFA ao tratar do racismo no futebol e a falta de discernimento de Pelé ao não ter uma posição firme sobre o tema. Magrão é enfático ao falar do Rei do futebol: *"de preto parece ter somente a cor da pele"*.

Hoje, li seu último artigo. Com a lucidez de sempre mostrou como a Copa é tratada como *"propriedade privada, sem compromisso algum com o povo brasileiro"*. Será que algum jogador toparia abrir essa discussão? O que falar de Ronaldo à frente da Copa? Ou dos ídolos atuais que ganham as páginas de jornais como agressores de mulheres? Definitivamente, faltam bons exemplos no futebol atual. Faltam Ídolos, isso mesmo com "i" maiúsculo.

A morte do Doutor Sócrates deixa um vazio. Perdemos um artista. Os que seguem acreditando, lutando e sonhando saúdam com o braço esquerdo estendido e o punho cerrado. **Sócrates, Presente!**

LEIA NO SITE: Entrevista com Sócrates: *"Imaginem a Gaviões da Fiel politizada!"*

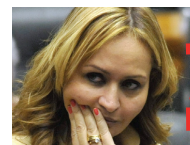
PINHEIRINHO URGENTE

Há quase sete anos, centenas de famílias ocuparam um terreno abandonado em São José dos Campos (SP), de uma empresa do especulador Naji Nahas. Hoje, o local abriga cerca de duas mil pessoas, que encontraram uma alternativa de moradia e ergueram suas casas. Um bairro, cujos representantes negociavam a regularização com a prefeitura do PSDB, quando, no final de novembro, uma juíza aceitou pedido dos antigos proprietários e concedeu uma liminar de reintegração de posse. Enquanto fechávamos essa edição, os moradores, incluindo centenas de crianças, corriam o risco de serem expulsas pela polícia. Saiba mais no blog: *http://bit.ly/pinheirinho*

CHARGE *Latuff*

CAPITAL DA IMPUNIDADE

1 Jaqueline Roriz
Deputada federal

Filha do ex-governador Joaquim Roriz, Jaqueline foi filmada recebendo dinheiro, como deputada distrital.

2 Timothy Mulholland
Ex-reitor da UnB

A decoração de seu apartamento custou R$ 470 mil. Só a lixeira custou R$ 1 mil. Tudo com verba da UnB...

3 Arnulfo Pereira
Policial civil

Participou da perseguição e assassinato de Gildo Rocha

Onze anos após o crime que matou o sindicalista e militante do PSTU Gildo da Silva Rocha, um dos policiais envolvidos foi absolvido no dia 29 de novembro, em Brasília. Gildo foi morto pelas costas por policiais civis durante uma greve, em 2000. Um dos policiais já morreu e o outro, Arnulfo Pereira, foi considerado 'inocente' pelo júri. Na prática, quem estava sendo julgado era Gildo, qualificado a todo momento de 'bandido' pela defesa. O advogado insistiu na tese de que Gildo estava armado e teria atirado. Isso mesmo diante do laudo do IML não ter encontrado sinais de pólvora nas mãos de Gildo.

O PSTU condena o resultado, que perpetua a impunidade e fortalece a criminalização. Também nos solidarizamos com a família de Gildo, sua esposa e filhos. Gildo é um herói, que sempre será lembrado.

Endereços das sedes

SEDE NACIONAL

Av. 9 de Julho, 925
Bela Vista - São Paulo - SP
CEP 01313-000 | Tel. (11) 5581.5776

www.pstu.org.br
www.litci.org

pstu@pstu.org.br
opiniao@pstu.org.br
assinaturas@pstu.org.br
juventude@pstu.org.br
lutamulher@pstu.org.br
gayslesb@pstu.org.br
racaeclasse@pstu.org.br

ALAGOAS

MACEIÓ - R. Dr. Rocha Cavalcante, 556 - A Vergel. (82) 3032.5927 *maceio@pstu.org.br* | *pstual.blogspot.com*

AMAPÁ

MACAPÁ - Av. Pe. Júlio, 374, sala 13 - Centro (altos Bazar Brasil). (96) 3224.3499 | *macapa@pstu.org.br*

AMAZONAS

MANAUS - R. Luiz Antony, 823 - Centro. (92) 234.7093 *manaus@pstu.org.br*

BAHIA

SALVADOR - R. da Ajuda, 88, sala 301 - Centro. (71) 3015.0010 *pstubahia@gmail.com* *pstubahia.blogspot.com*

CAMAÇARI - R. Emiliano Zapata, s/n - CEP 42800-910 - Nova Vitória

CEARÁ

FORTALEZA - R. Juvenal Galeno, 710 - Benfica. (85) 3044.0056 *fortaleza@pstu.org.br*

JUAZEIRO DO NORTE - R. São Miguel, 45 - São Miguel. (88) 8804.1551

DISTRITO FEDERAL

BRASÍLIA - SCS Quadra 6, Bloco A, Ed. Carioca, sala 215 - Asa Sul. (61) 3226.1016 | *brasilia@pstu.org.br* *pstubrasilia.blogspot.com*

GOIÁS

GOIÂNIA - Rua 237, nº 440, Qd-106, Lt- 28, casa 02 - Setor Leste Universitário. (62) 3541.7753 | *goiania@pstu.org.br*

MARANHÃO

SÃO LUÍS - Av. Newton Bello, 496, sala 10 - Monte Castelo. (98) 8812.6280/8888.6327 *saoluis@pstu.org.br* *pstumaranhao.blogspot.com*

MATO GROSSO

CUIABÁ - Av. Couto Magalhães, 165 - Jd. Leblon. (65) 9956.2942/9605.7340

MATO GROSSO DO SUL

CAMPO GRANDE - Av. América, 921 - Vila Planalto. (67) 3331.3075/9998.2916 *campogrande@pstu.org.br*

MINAS GERAIS

BELO HORIZONTE - Av. Paraná, 158 - 3º andar - Centro. (31) 3201.0736 *bh@pstu.org.br* | *minas.pstu.org.br*

BETIM - (31) 9986.9560

CONTAGEM - R. França, 352, sala 202 - Eldorado. (31) 2559.0724

ITAJUBÁ - Av. Engenheiro Pedro Fonseca Paiva, 188/303 - Bairro Avenida. (35) 8402.1647

JUIZ DE FORA - Travessa Dr. Prisco, 20, sala 301 - Centro. *juizdefora@pstu.org.br*

UBERABA - R. Tristão de Castro, 127. (34) 3312.5629 | *uberaba@pstu.org.br*

UBERLÂNDIA - (34) 8807.1585

PARÁ

BELÉM *belem@pstu.org.br*

ALTOS - Duque de Caxias, 931 - Altos. (91) 3226.6825/8247.1287

SÃO BRÁZ - R. 1º de Queluz, 134 - São Braz. (91) 3276.4432

PARAÍBA

JOÃO PESSOA - Av. Sérgio Guerra, 311, sala 1 - Bancários. (83) 241.2368 *joaopessoa@pstu.org.br*

PARANÁ

CURITIBA - Av. Luiz Xavier, 68, sala 608 - Centro. *curitiba@pstu.org.br*

MARINGÁ - R. José Clemente, 748 - Zona 07. (44) 9111.3259 *pstunoroeste.blogspot.com*

PERNAMBUCO

RECIFE - R. Santa Cruz, 173, 1º andar - Boa Vista. (81) 3222.2549 *pernambuco@pstu.org.br* *www.pstupe.org.br*

PIAUÍ

TERESINA - R. Quintino Bocaiúva, 421. *teresina@pstu.org.br* *pstupiaui.blogspot.com*

RIO DE JANEIRO

RIO DE JANEIRO - R. da Lapa, 180 - Lapa. *(21) 2232.9458* *riodejaneiro@pstu.org.br* | *rio.pstu.org.br*

NOVO **MADUREIRA** - Av. Ministro Edgard Romero, 584/302. Próx ao CDD Correios de Vaz Lobo.

DUQUE DE CAXIAS - Av. Brigadeiro Lima e Silva, 2048, sala 404 - Centro. *d.caxias@pstu.org.br*

NITERÓI - Av. Visconde do Rio Branco, 633/308 - Centro. *niteroi@pstu.org.br*

NORTE FLUMINENSE - R. Teixeira de Gouveia, 1766, Fundos - Centro de Macaé. (22) 2772.3151

NOVA FRIBURGO - R. Guarani, 62 - Cordoeira

NOVA IGUAÇU - R. Barros Júnior, 546 - Centro

VALENÇA - Rua 2, nº 153, BNH - João Bonito. (24) 2452 4530 *sulfluminense@pstu.org.br*

VOLTA REDONDA - R. Neme Felipe, 43, sala 202 - Aterrado. (24) 3112.0229 | *sulfluminense@pstu.org.br* | *pstusulfluminense.blogspot.com*

RIO GRANDE DO NORTE

NATAL - R. Vaz Gondim, 802 - Cidade Alta (ao lado do Sind. dos Comerciários). *natal@pstu.org.br* *psturn.blogspot.com*

RIO GRANDE DO SUL

PORTO ALEGRE - R. General Portinho, 243 - Porto Alegre. (51) 3024.3486/3024.3409 *portoalegre@pstu.org.br* *pstugaucho.blogspot.com*

GRAVATAÍ - R. Dinarte Ribeiro, 105 - Morada do Vale I. (51) 9864.5816

PASSO FUNDO - Av. Presidente Vargas, 432, sala 20 - Galeria Dom Guilherm. (54) 9993.7180

SANTA CRUZ DO SUL - (51) 9807.1722

SANTA MARIA - (55) 9922.2448

SANTA CATARINA

FLORIANÓPOLIS - R. Nestor Passos, 77 - Centro. (48) 3225.6831 *floripa@pstu.org.br*

CRICIÚMA - R. Imigrante Meller, 487 - Pinheirinho. (48) 3462.8829/9128.4579 *pstu_criciuma@yahoo.com.br*

SÃO PAULO

SÃO PAULO - *saopaulo@pstu.org.br*

CENTRO - R. Florêncio de Abreu, 248 - São Bento. (11) 3313.5604

ZONA LESTE - R. Eduardo Prim Pedroso de Melo, 18 - São Miguel. (11) 7452.2578

ZONA SUL - R. Amaro André, 87 - Santo Amaro. (11) 6792.2293

NOVO **ZONA OESTE** - R. Alves Branco, 65 - Lapa de Baixo. (11) 7071.9103

BAURU - R. Antonio Alves, 6-62 - Centro. CEP 17010-170. *bauru@pstu.org.br*

CAMPINAS - R. Saudanha Marinho, 990. (19) 3201.5672 | *campinas@pstu.org.br*

FRANCO DA ROCHA - Av. 7 de Setembro, 667 - Vila Martinho *educosta16@itelefonica.com.br*

GUARULHOS - R. Harry Simonsen, 134, Fundos - Centro. (11) 2382.4666 *guarulhos@pstu.org.br*

MOGI DAS CRUZES - R. Prof. Floriano de Melo, 1213 - Centro. (11) 9987.2530

PRESIDENTE PRUDENTE - R. Cristo Redentor, 101, sala 5 - Jardim Caiçara. (18) 3221.2032

RIBEIRÃO PRETO - R. Monsenhor Siqueira, 614 - Campos Eliseos. (16) 3637.7242 | *ribeirao@pstu.org.br*

SÃO BERNARDO DO CAMPO - R. Carlos Miele, 58 - Centro. (11) 4339.7186 | *saobernardo@pstu.org.br* *pstuabc.blogspot.com*

SÃO JOSÉ DOS CAMPOS - R. Romeu Carnevalli, 63, Piso 1 - Jd. Bela Vista. (12) 3941.2845 | *sjc@pstu.org.br*

EMBU DAS ARTES - Av. Rotary, 2917, sobreloja - Pq. Pirajuçara. (11) 4149.5631

JACAREÍ - R. Luiz Simon, 386 - Centro. (12) 3953.6122

SUZANO - (11) 4743.1365 *suzano@pstu.org.br*

SERGIPE

ARACAJU - Av. Gasoduto, 1538-b - Conjunto Orlando Dantas. (79) 3251.3530 | *aracaju@pstu.org.br*

Um ano impossível de esquecer

Esse é o momento em que as pessoas refletem sobre o ano que está acabando, mas, também, sobre o que está vindo. Alegrias e tristezas, esperanças e frustrações. Momentos muito diferentes, em geral cheios de significado, bons ou ruins. A tradição natalina projeta uma alegria artificial e muitas vezes inexistente. Mas o décimo terceiro salário e as férias (para os quem têm) tornam o fim de ano mais agradável para muitos.

É hora também de pensar coletivamente o futuro. Queremos nos dirigir aos ativistas que estiveram junto conosco nas lutas durante 2011. Essa edição do Opinião Socialista é dedicada a vocês, para fazermos, juntos, uma reflexão sobre o que ocorreu de mais importante nesse ano... E, também, as projeções para 2012.

Seguramente, você acompanhou as revoluções no Norte da África e do Oriente Médio. Deve ter se emocionado junto conosco ao ver as vitórias das massas, que derrubaram ditaduras no Egito e Tunísia. E, agora, torce pelas novas lutas contra o governo militar egípcio.

Você também acompanhou o debate em relação a Kadafi. Viu como nosso jornal esteve na linha de frente da defesa do levante contra sua ditadura e pôde comprovar que, desde o início, nos colocamos contra a intervenção imperialista na Líbia. Na realidade, os governos imperialistas não têm a mínima preocupação com a democracia. Por isso, apoiaram Kadafi enquanto ele mantinha uma ditadura estável e assegurava o controle das multinacionais sobre o petróleo líbio. Passaram para a oposição quando as massas se rebelaram diretamente contra ele, para tentar manter seu controle sobre o petróleo. Vergonhosamente, grande parte da esquerda apoiou Kadafi e foi derrotada junto com ele. Outra parte também se equivocou gravemente ao apoiar a intervenção imperialista. Mantivemos nossa independência política, apoiando a revolução do povo líbio contra Kadafi e lutando contra o imperialismo.

A situação na Europa deve tê-lo alertado da dimensão histórica que a crise econômica está tomando. Uma situação que, hoje, se traduz em mobilizações radicalizadas e crises políticas. O capitalismo se aproveitou da queda das ditaduras stalinistas no Leste Europeu para comemorar a "morte do socialismo". Agora, a crise recoloca a discussão da necessidade do socialismo em pauta.

> Existe um partido que esteve do seu lado nas lutas. Que pode ter uma política revolucionária porque é independente dos governos e dos patrões.

Você deve ter, também, acompanhado a evolução do governo Chávez, na Venezuela, que apóia Lula e Dilma, no Brasil, e apoiou Kadafi na Líbia. Esse governo prendeu e entregou para o governo, de direita, da Colômbia o dirigente das FARC, Julián Conrado, gerando repúdio por parte de todos aqueles que mantém algum grau de independência política. Nós, desde o início, não nos iludimos com o "socialismo do século 21" de Chávez, que é apenas o velho nacionalismo burguês reciclado.

Como não podia deixar de ser, você também viu a evolução do governo Dilma. Grande parte dos trabalhadores segue apoiando o governo. Mas os ativistas que estiveram à frente das lutas metalúrgicas, da construção civil, de professores, dos Correios, dos bancários e do funcionalismo público, podem tirar suas próprias conclusões.

De que lado estava o governo? Ao lado das greves, contra os patrões? Ou em defesa dos patrões, usando até a repressão para derrotar os trabalhadores?

Os ativistas das lutas estudantis puderam comprovar de que lado estava a UNE, governista e chapa branca, sempre contra as mobilizações, ao lado do governo.

Os que estiveram à frente das lutas dos trabalhadores, da juventude e setores oprimidos fizeram a experiência prática de terem a CSP-Conlutas e a ANEL como instrumentos necessários para a mobilização e unificação das lutas.

O ano de 2011 dificilmente poderá ser esquecido. É o momento em que a crise econômica internacional se juntou a grandes mobilizações de massas em muitas partes do mundo. Em que a revolução e o socialismo começam a voltar ao primeiro plano das discussões.

Agora, é hora de pensar em 2012 e no futuro. Existe um partido que esteve do seu lado nas lutas. Que pode ter uma política revolucionária porque é independente de Dilma, de Chávez, da Kadafi. E que expressa o programa da revolução socialista, cada vez mais necessário e presente. Esse partido é o PSTU.

Venha se juntar a nós para ajudar a construir o novo. A social-democracia dos partidos parlamentares e eleitorais não tem nada de novo. O PT que o diga. O stalinismo do PCdoB tampouco aponta para o futuro. Não por acaso, está junto ao PT em tudo, até na corrupção.

Venha se juntar ao nosso partido para lutar pelo novo, pelo socialismo, pela revolução.

Aviso ao leitor

A presente edição do **Opinião Socialista** é a última do ano. Essa edição especial é totalmente dedicada à retrospectiva das lutas de 2011, ao mesmo tempo em que arrisca alguns prognósticos para o próximo ano. Estaremos com uma nova edição a partir do dia 30 de janeiro, voltando a fazer do **Opinião** um porta-voz das lutas dos trabalhadores e do socialismo.

OPINIÃO SOCIALISTA publicação quinzenal do Partido Socialista dos Trabalhadores Unificado CNPJ 73.282.907/0001-64 - Atividade principal 91.92-8-00

CORRESPONDÊNCIA Av. Nove de Julho, 925 Bela Vista - São Paulo - SP CEP 01313-000 Fax: (11) 5581-5776 *opiniao@pstu.org.br*

CONSELHO EDITORIAL Bernardo Cerdeira, Cyro Garcia, Dirceu Travesso, Joaquim Magalhães, José Maria de Almeida, Luiz Carlos Prates "Mancha", Nando Poeta, Paulo Aguena e Valério Arcary

EDITOR Eduardo Almeida Neto

JORNALISTA RESPONSÁVEL Mariúcha Fontana (MTb14555)

REDAÇÃO Diego Cruz, Jeferson Choma, Wilson H. da Silva

DIAGRAMAÇÃO Gustavo Sixel, Thiago Mhz, Victor "Bud"

IMPRESSÃO Gráfica Lance (11) 3856-1356

ASSINATURAS (11) 5581-5776 *assinaturas@pstu.org.br* *pstu.org.br/assinaturas*

Revoluções abalam norte da África e Oriente Médio

BRUNO SANCHES, de São Paulo

Há exatamente um ano, na Tunísia, o vendedor ambulante Mohamed Bouazizi suicidou-se ateando fogo ao seu próprio corpo. Foi um gesto desesperado de alguém que estava impossibilitado de continuar trabalhando devido à repressão e à corrupção dos funcionários do regime ditatorial do país. O que ninguém imaginaria, porém, é que o suicídio Bouazizi seria o gatilho para os massivos protestos populares que derrubariam o ditador Ben Ali. Tampouco se imaginaria que a vitória das massas alentaria uma enorme onda revolucionária que se espalhou como um rastilho de pólvora sobre o mundo árabe.

A revolução dos povos árabes tem como base material anos de profunda exploração, miséria e desemprego, agravados pela inflação e pela crise econômica mundial. Além de um profundo ódio das massas contra ditaduras corruptas, sustentadas por décadas pelo imperialismo norte-americano. Só isso pode explicar a permanência e a radicalização destes processos que, mesmo com a repressão assassina, que matou centenas no Egito de Mubarak, milhares na Líbia de Kadafi e na Síria de Assad, continuam enfrentando regimes assassinos e conquistando vitórias.

DESMORONAMENTO DA OPRESSÃO

Em janeiro, o povo egípcio, sobretudo a juventude, ocupou a emblemática Praça Tahir. Dezoito dias após o começo da revolução que sacudiu o país e atraiu a atenção de todo o mundo, o ditador do Egito, Hosni Mubarak, aliado histórico de Israel e dos EUA, finalmente caiu.

Para deter a revolução e manter seus privilégios, a saída encontrada, apoiada pelo imperialismo norte-americano, foi a criação de um governo de "transição" Junta Militar, cujo objetivo era aplacar a lutas das massas. Apesar da queda de Mubarak, ainda existia no país um importante grau de confiança no exército, como instituição. Dez meses depois, porém, a experiência política foi corroendo essa confiança. Neste período, nenhum dos problemas fundamentais do povo egípcio foi resolvido. Tanto o desemprego como suas condições materiais de vida continuaram em estado dramático e insuportável. Todas as ações da Junta Militar se chocaram com as aspirações do povo. Por isso, recentemente, centenas de milhares voltaram a tomar as ruas para "completar a revolução".

DA LÍBIA...

Na Líbia a revolta popular irrompeu tendo a cidade Benghazi como epicentro. Logo, as manifestações chegaram a capital. A resposta de Kadafi foi brutal e incluiu bombardeios em várias cidades e até mesmo bairros de Trípoli. A intensidade da repressão rachou o exército líbio e conferiu um caráter de guerra civil ao conflito.

Nas primeiras semanas da guerra, os rebeldes rechaçavam qualquer tipo de intervenção estrangeira, como ficou claro em manifestações em Benghazi. No entanto, com o passar dos dias a superioridade bélica do ditador mudou a correlação de forças na guerra. O imperialismo norte-americano e europeu aproveitaram essa mudança para impor uma intervenção militar. A famigerada autorização concedida pelo Conselho de Segurança da ONU, para a imposição de uma "zona de exclusão aérea", foi o sinal verde que se traduziu em apoio aéreo e bombardeios contra Kadafi. Mas a intervenção da OTAN tinha um sentido claro: controlar a revolução líbia, estabilizar o país (o que era já impossível com Kadafi no poder), cooptar o Conselho Nacional de Transição (CNT, a direção política dos rebeldes), além de cacifar-se para manter o fornecimento de petróleo ao ocidente.

Durante todo o conflito, organizações ligadas a Chávez e Fidel. E, no Brasil, o PCdoB, se colocaram de forma incondicional ao lado de Kadafi. Desenharam o fantasioso cenário de um governo antiimperialista sendo atacado pelos EUA. Esconderam deliberadamente o caráter pró-imperialista de Kadafi nos últimos vinte anos.

Finalmente, no dia 21 de agosto, os rebeldes ocuparam as ruas da capital Trípoli. Pouco depois Kadafi foi morto pelos rebeldes quando tentava fugir. Agora, o inimigo comum sai de cena e as enormes diferenças entre os que lutaram contra a ditadura estão vindo à tona.

De um lado o Conselho Nacional de Transição (CNT), formado por exministros e altos funcionários do governo Kadafi, que o abandonaram para se passar para o campo da insurreição, para assegurar relações com o imperialismo. O exército foi destruído e o imperialismo trata, por meio do CNT,

CLUBE DOS DITADORES Muammar Kadafi (Líbia), no centro, falecido; Ali Abdullah Saleh (Iêmen), se recuperando dos ferimentos de uma bomba, e Hosni Mubarak (Egito), que renunciou com seu vice.

Tragédia no Rio: o preço do descaso dos governantes

Tunísia, Egito e Argélia: uma revolução democrática varre o norte da África

Opinião Socialista

Não ao aumento dos deputados

62% para o salário mínimo

OS 417
De 27 de janeiro a 08 de fevereiro

DIANTE DO DRAMA DAS ENCHENTES,

SOLIDARIEDADE PARA AS VÍTIMAS. PUNIÇÃO PARA OS RESPONSÁVEIS!

Em defesa dos direitos trabalhistas e da aposentadoria

TOME PARTIDO!

www.pstu.org.br

BOLETIM 35
Janeiro e fevereiro

EGÍPCIOS se reúnem na praça Tahrir, no Cairo, em 18 de novembro de 2011, para pressionar o militares para transferir o poder para um governo civil eleito.

de restabelecê-lo para voltar a dominar as riquezas do país e desarmar as milícias. Porém, terão que convencer ou enfrentar milhares combatentes que agora, estão nos comitês populares e se mantêm armados.

... AO IÊMEN...

No Iêmen, um dos países mais pobres da região, as manifestações populares também evoluíram para uma revolta armada. A principal exigência dos manifestantes era a renuncia do ditador Ali Abdullah Saleh. Apesar de uma sanguinária repressão, a revolução não foi detida. Recentemente, o ditador foi obrigado a aceitar um acordo de transição no qual se compromete em sair do poder em três meses. O acordo foi costurado pelo governo norte-americano e pela Arábia Saudita, um dos principais aliados do imperialismo na região, que assegurou asilo político para Saleh.

...E SÍRIA

Na Síria, a ditadura de Bashar al-Assad continua massacrando a população. Atrocidades, que incluem violações e o assassinato de crianças e mulheres são denunciadas quase que cotidianamente. Mas a reação das massas começou a dividir o exército. Já há deserções de oficiais e a organização de um embrião de exército a partir destas deserções. Nisso se assemelha ao início da guerra civil da Líbia. Eles foram capazes de infligir golpes duros ao regime, como a destruição de um quartel e de uma sede do partido dirigente Baath.

A TÁTICA DO IMPERIALISMO

Em todas essas décadas, as ditaduras árabes só mantiveram no poder graças ao apoio do imperialismo norte-americano. Obama manteve essa orientação à risca. Apesar do hipócrita discurso de "defesa da democracia", o imperialismo apoia todas as ditaduras no mundo árabe contra as quais as revoluções se enfrentam, como na Arábia Saudita, Bahrein, Jordânia, Iêmen. Portanto, a política atual do imperialismo diante das revoluções árabes pode ser traduzida como uma contra-ofensiva imperialista com intervenção política para respaldar as ditaduras e sustentá-las. Isso ocorreu claramente no Bahrain, onde os protestos foram brutalmente reprimidos pela ditadura do rei Hamad Bin Al Khalifa.

A "Revolução Esquecida", como ficou conhecida, teve pouco destaque na imprensa e na chamada "comunidade internacional", especialmente dos EUA, que sequer condenou os massacres promovidos por Al Khalifa. O país é uma pequena ilha do Golfo, com 1,2 milhão de habitantes, a poucos quilômetros de distância da Arábia Saudita. Mas abriga a Quinta Frota da marinha ianque. No auge da repressão, o exército saudita (com o aval de Obama) entrou no país para combater os opositores.

Por outro lado, o imperialismo combina a ação política de apoio às ditaduras com a utilização do discurso democrático para ganhar a simpatia dos revoltosos, em particular da juventude. Assim, só aponta para uma solução de "transição" quando é forçado pela revolução, ou seja, quando já não tem outra saída. No Egito, por exemplo, depois de uma longa hesitação, Obama percebeu que seu aliado Mubarak não poderia mais controlar a situação. Assim, Mubarak foi descartado e a Casa Branca passou a enviar saudações aos jovens revoltosos. Hoje existe um cartaz de Obama no aeroporto do Cairo que reivindica a revolução e a juventude.

Devido aos fracassos nas guerras do Iraque e Afeganistão, o imperialismo tem enormes dificuldades para bancar intervenções militares diretas em apoio às ditaduras. No entanto, ainda que não possa utilizar deste expediente, enviando tropas para combater em terra, o recurso da intervenção militar não foi totalmente descartado. Um exemplo ocorreu com a revolução na Líbia. Após anos de serviços em prol do imperialismo, nos quais entregou todo o petróleo líbio às multinacionais, Kadafi deixou de ser "confiável" aos governos dos EUA e da Europa no momento que não conseguiu impedir a eclosão de uma guerra civil no país. Aos olhos do imperialismo, Kadafi, não poderia mais estabilizar a região e isso comprometeria o fornecimento de petróleo para as multinacionais. Dessa forma, o imperialismo optou em se apropriar diretamente do petróleo e estabelecer uma zona controlada no meio da revolução árabe. Essa foi a principal motivação que levou o imperialismo a intervir militarmente no conflito, por meio dos bombardeios da OTAN e do bloqueio aéreo e naval.

O caso da Síria também é um exemplo de como age o imperialismo diante da revolução árabe. Assim como Kadafi, o ditador Bashar al-Assad teve alguns choques com o imperialismo no passado. No entanto, o governo dos EUA não apóia a luta dos revoltosos sírios, pois quer evitar que o regime caia pela ação das massas, o que pode desestabilizar uma delicada região fronteiriça ao Iraque e Israel. Até agora, para o imperialismo, a ditadura serve para manter o *status quo* da região. Mas, na medida em que continua a enfrentar mobilizações e a ameaça de perder o controle sobre a situação, o imperialismo poderá mudar de orientação tática, assim como fez na Líbia. E o perigo de uma intervenção militar imperialista não está afastado. Tropas francesas ou da ONU, em nome de proteger a população, podem cumprir esse papel caso Assad seja derrubado pelas massas. É preciso denunciar qualquer tentativa de intervenção militar que apenas visa obrigar os rebeldes a se desarmar e impor um controle sobre a população síria.

PRÓXIMOS CAPÍTULOS

As revoluções no mundo árabe estão longe de terminar. A tendência é que o processo se aprofunde e se estenda no próximo período, enfrentando ditaduras e o imperialismo que as sustentam. Contudo, para conquistar liberdade e melhores condições de vida, as massas terão que expulsar o imperialismo e enfrentar seu enclave militar na região, Israel.

Por outro lado, a contra ofensiva imperialista, a repressão violenta por parte das ditaduras e as deficiências de organização, especialmente a crise de direção revolucionária, se configuram como obstáculos a serem superados. Apostamos que a classe operária se reorganize de maneira independente da burguesia para que construa uma direção revolucionária e avance na perspectiva de governos dos trabalhadores e de uma Federação das Repúblicas Socialistas do Norte da África e Oriente Médio. ■

OS 418
De 16 de fevereiro a 1º de março

OS 419
De 03 a 22 de março

As dores de cabeça do Tio Sam

WILSON H. DA SILVA, da redação

Em um artigo intitulado "Nos EUA, estudantes universitários perdem entusiasmo para lutar novamente por Obama", publicado pelo "The New York Times", (6/11/2011), Emma Guerrero, estudante da Universidade de Nevada, expressou o desencanto de muitos jovens que, como ela, atuaram intensamente pela eleição do presidente norte-americano: *"Eu não creio que poderia fazer aquilo de novo (...) Ele não se preocupou de fato com os problemas enfrentados pelos jovens, e nós o ajudamos a se eleger".*

As razões da decepção não são poucas, a começar por sua juventude e sobrenome latino, que a colocam entre os que têm sido mais direta e fortemente atingidos pela crise econômica. Além disso, como é ressaltado pela reportagem, *"poucas regiões dos Estados Unidos foram atingidas mais intensamente pela recessão"*, como o estado de Nevada, onde o índice de desemprego é recorde (13,4%) e há uma *"uma onda interminável de confiscos de imóveis por falta de pagamento de hipotecas e uma quantidade enorme de pessoas que não têm onde morar"*.

Exemplar da profunda crise que sacode o coração do imperialismo, a situação de Emma e de seu estado está longe de ser um fato isolado e, muito menos, a decepção do eleitorado.

Movimento "Ocupe Wall Street" toma os Estados Unidos

DA PROMESSA DE MUDANÇA A "MAIS DO MESMO"

Os EUA entraram no século 21 "surfando" nos efeitos dos violentos ataques cometidos contra os trabalhadores no decorrer da década de 1990 e intensificados a partir dos ataques às Torres Gêmeas, em setembro de 2001.

Capitaneados pela nefasta figura de George Bush, estes ataques tiveram expressões econômicas, políticas e militares, como a invasão do Afeganistão e do Iraque e a tentativa de imposição de uma verdadeira política de "recolonização" de regiões inteiras do planeta.

Obama chegou ao poder, em 2008, já como expressão da crise aberta pela derrota de Bush que viu seus planos políticos e militares para o Oriente Médio naufragarem num verdadeiro pântano.

O "primeiro presidente negro" dos EUA foi apresentado com "sinal de mudança" e promessa de uma nova postura do imperialismo. Uma ilusão que, contudo, não resistiu aos primeiros sinais de agravamento da situação mundial e seu impacto cada vez maior no coração do imperialismo.

Uma crise que começou a ganhar contornos ainda mais "dramáticos" depois da crise econômica mundial a partir de 2007/2008, que aprofundou a situação revolucionária a nível mundial, tendo como elementos centrais uma crise política e econômica do imperialismo muito superior à de 2001, o ascenso no Oriente Médio com a revolução no Norte da África e Oriente Médio e a lutas na Europa.

DE NOVO, MESMO, SÓ A CRISE

Como todos devem lembrar, a "solução" de Obama para a crise foi herdada diretamente de Bush: a injeção de volumosas quantias de dólares no mercado financeiro. Para ser mais exato, foram cerca de US$ 13 trilhões (quase o valor do PIB anual do país) que foram transferidos para bancos, empresas e especuladores de todos os tipos. Ao mesmo tempo, Obama não mediu esforços para ajudar as grandes empresas a se "adequar" à crise, como ficou evidente no escandaloso acordo de reestruturação produtiva patrocinado pelo governo na General Motors.

Essas medidas possibilitaram que a economia tivesse um crescimento "anêmico" e, ainda, em declínio (1,9% no primeiro semestre de 2011 e 1,3%, no segundo), mas, acima de tudo, significaram uma enorme intensificação da exploração dos trabalhadores através de cortes de salários e direitos e uma piora generalizada nas condições de vida que fizeram com que os EUA chegassem ao final de 2011 com índices sociais alarmantes: 14 de milhões de desempregados (cerca de 9%, em termos nacionais), 10 milhões de subempregados e 40 milhões que dependem da ajuda do Estado para poder sobreviver.

Se os planos do governo norte-americano vingarem, esta situação só tende a se agravar. Basta lembra que, há alguns meses, foi aprovada uma lei que implica num corte, nos próximos dois anos, de nada menos do que US$ 900 bilhões nas mais variadas áreas sociais.

"NO, WE DON'T WANT..."

Obama foi eleito sob o ufanista slogan "yes, we can", ou seja, "sim, nós podemos". Passados três anos, o que mais se ouve nos EUA é "no, we don't want" ("não, nós não queremos..."). Não querem mais desemprego, nem cortes sociais, muito menos promessas vazias. Foi esta a mensagem que, de forma distorcida, o povo enviou nas últimas eleições legislativas, em 2010, ao impor uma fragorosa derrota ao partido de Obama, o Democrata.

De lá para cá, os problemas políticos do presidente só têm aumentado. As dificuldades de aprovar seus projetos econômicos e políticos no Congresso, principalmente em função da atuação da ala mais conservadora do Partido Republicano, o "Tea Party", são só a ponta de um gigantesco iceberg que pode bloquear, de vez, as pretensões de reeleição do presidente.

Algo difícil de se prever no momento, fundamentalmente porque a crise política também tem atingido fortemente a oposição republicana que, não tem conseguido consolidar um candidato.

Evidentemente, não é o caso de se afirmar que o coração do império está à beira de um colapso. Contudo, é evidente que o Tio Sam está pra lá de enfraquecido.

A "síndrome do Iraque" (que reavivou o "fantasma do Vietnã), aliada à crise econômica e política, tem dificultado em muito a intervenção militar, e até mesmo política, dos EUA em qualquer outro canto do mundo. Vide, por exemplo, os problemas de Obama em intervir na "Primavera Árabe".

Contudo, seria um absurdo insinuar que a hegemonia do imperialismo está questionada. Seu poderio econômico, político e militar; o papel que joga em organismos internacionais como a OTAN, a ONU e o FMI ainda lhe garante um papel de mando e destaque. Cada vez menos "confortável", mas ainda sólido.

Enquanto isto, nas praças...

Em 2011, a luta contra a imposição da lógica do Capital sobre a humanidade ganhou uma forma particularmente importante e "nova" no cenário mundial: o movimento "Occupy Wall Street".

Ao levar para o principal centro financeiro dos EUA a luta dos "99%" (de trabalhadores e jovens) contra o "1%" (de endinheirados e poderosos), sob palavras de ordem como *"resgatemos as escolas e serviços sociais, não os bancos e os banqueiros"*, a juventude dos EUA não só demonstrou que está aprendendo uma importante lição com os jovens egípcios e da Europa, como também apontou um caminho que foi seguido por milhares de outros, mundo afora.

O único caminho possível para impedir que a humanidade naufrague juntamente com o Império: a luta para tirar o poder econômico e político das mãos sujas e gananciosas deste "1%" e colocá-lo a serviço dos "99%" que, dia após dia, lutam por melhores condições de vida. ■

Com quantas crises se faz uma revolução?

Com a crise econômica, a "Primavera Árabe" e a Guerra Social na Europa, estamos vivendo as maiores transformações sociais desde a queda do Muro de Berlim, mas para que direção apontam estas mudanças?

DANIEL ROMERO, de Salvador (BA) e do Ilaese

Semelhante ao período da Queda do Muro de Berlim, uma mudança histórica se anuncia, embora o sentido e a dinâmica das transformações sejam ainda bastante incertos. Mas, diferente daquele período é no coração do capitalismo que está o epicentro da turbulência mundial. Estamos vivendo uma nova situação internacional caracterizada pela combinação de três tipos de crise: crise econômica global, crises políticas e crise do imperialismo.

QUEM ESTÁ EM CRISE?

Quando se fala atualmente da crise econômica, do que exatamente está se falando? Depois de tantas idas e vindas, quais setores da economia efetivamente estão em crise? Crise econômica, grosso modo, é a interrupção do processo de acumulação do Capital, quando não se consegue obter lucro com os novos investimentos.

Com o início da crise imobiliária, em 2008, o setor bancário americano quebrou e levou consigo o mercado financeiro mundial. Neste momento, a crise se tornou global, atingindo todos os setores da economia e todos os países, resultando numa recessão econômica em 2009. O PIB dos países centrais (EUA, Japão e Zona do Euro) caiu para -3,5% e o PIB mundial também sofreu uma queda de -0,7%, só não sendo mais acentuada em função da manutenção do crescimento na China (9,2%) e Índia (6,8%), contrariando a tendência mundial.

Inciou-se a pior crise econômica desde a depressão de 1929. Uma crise de superprodução agravada por uma brutal crise financeira. O início de um longo período de decadência da economia imperialista, que pode durar de 15 a 20 anos, e ser marcado por crises fortes e recuperaçõe lentas, com uma ameaça sempre presente de uma nova depressão.

2010: SUSPIRO DA RECUPERAÇÃO E REGRESSÃO SOCIAL

Em 2010, começou o suspiro, com os primeiros sinais de recuperação da atividade econômica. Mais uma vez, China e Índia ocuparam um papel de destaque, ambos crescendo cerca de 10%, acompanhados também pelo Brasil, que cresceu 7,5%. Embora com ritmo menor, os países centrais também recuperarsm parte da atividade econômica, crescendo em média 3%, mesmo nível dos EUA e um pouco menor do que Alemanha (3,6%) e Japão (4,0%).

No caso da China, a manutenção do crescimento se deveu a incentivos públicos destinados à "burguesia costeira" (setores exportadores), investimentos em indústrias de aço e cimento e pressão pelo não cumprimento da Nova Lei do Trabalho, aprovada em 2007. No caso do Brasil, a retomada do PIB foi proporcionada pelo endividamento dos trabalhadores.

Foram nos países centrais, no entanto, que a situação se tornou mais grave e mais complexa. Nos EUA e na Zona do Euro, as empresas conseguiram inverter a dinâmica de queda de seus lucros. (Veja o gráfico na página seguinte)

Dois aspectos são determinantes para compreender isso. No caso do mercado financeiro, o óbvio: os planos de salvamento aos bancos produziram a maior transferência de recursos públicos para o setor privado na história. Com eles, o mercado financeiro ganhou fôlego novo e, em 2010, o volume de ativos financeiros já era 10 trilhões de dólares a mais do que em 2007, ano anterior à crise (Instituto McKinsey. "Mapeamento do Mercado Global de Capitais", agosto de 2011, p. 02).

Isso significa que, para além de casos particulares, o sistema financeiro como um todo precisou de apenas dois anos para recuperar as perdas (e ultrapassá-las) de uma das maiores crises econômicas da história. É claro que isso não é isento de contradições, pois uma recuperação tão acelerada das finanças ao mesmo tempo em que o crescimento econômico mundial ainda é letárgico, resulta em pressão por novas bolhas especulativas. Um sinal disso é que também voltou a crescer a relação entre capital financeiro e o PIB, atingindo 356%, no mundo, e 462% nos EUA.

A maior economia mundial e mais avançada tecnologicamente conseguiu aumentar seus lucros com um processo de regressão social. A participação dos salários no PIB do país reduziu cerca de 2% desde 2008, acentuando uma queda que ocorre desde os anos 2000.

No setor produtivo, a retomada dos lucros não foi resultante de aumento dos investimentos em capital fixo (máquinas e equipamentos, que permitem aumentar a produtividade do trabalho); de fato, estes caíram -2,7% em 2009 nos EUA. Apesar disso, a "produtividade" do trabalho aumentou 3,5% no mesmo período, decorrente da intensificação das tarefas.

O desemprego, por sua vez, saltou de 5,8 para 9,6% entre 2008 e 2010, mas ele ficou ainda maior entre a população negra (de 10 para 16%), latinos (de 7,5 para 12,5%) e mães solteiras (de 8% para 12,3%), setores tradicionalmente marginalizados e uma das principais bases eleitorais do governo Obama.

No caso europeu, a situação é semelhante: aumento do desemprego (de 7,6 para 10%), retração dos salários e inúmeros cortes sociais e de direitos trabalhistas. O diferencial é que, na Zona do Euro, está muito mais difícil administrar a dívida pública do que nos EUA.

Em síntese, 2010 foi um ano de grande regressão social para a classe trabalhadora mundial, principalmente europeia e norte-americana. A taxa de desemprego levou esses países a se assemelharem a América Latina, o que possibilitou a leve recuperação de suas respectivas economias, quer por vias diretas (aumento da exploração do trabalho), quer por vias indiretas (endividamento público e redução da rede de proteção social).

Mas, mesmo com o crescimento na taxa de lucros, as grandes empresas não retomaram em grande escala os investimentos. O grau de ataque aos trabalhadores ainda está longe de ser o suficiente para garantir uma nova fase de crescimento do capitalismo.

Para abrir a perspectiva de uma saída da crise, o Capital assume uma guerra social contra o proletariado. O objetivo é acabar com o chamado "Estado de bem-estar social", ou seja, com as conquistas do proletariado dos países imperialistas desde o fim da Segunda Guerra Mundial. Isso significa aproximar o nível de vida desses trabalhadores aos da América Latina. Como num efeito cascata, os latino-americanos seriam rebaixados aos níveis chineses; e os chineses a um nível ainda mais baixo. Junto com isso, a regressão de países imperialistas periféricos (como Grécia, Portugal e outros) para um status semicolonial.

A reação do capital para sair de sua crise aproxima o mundo de situações de barbárie. Parafraseando Lênin, essa é a catástrofe que nos ameaça.

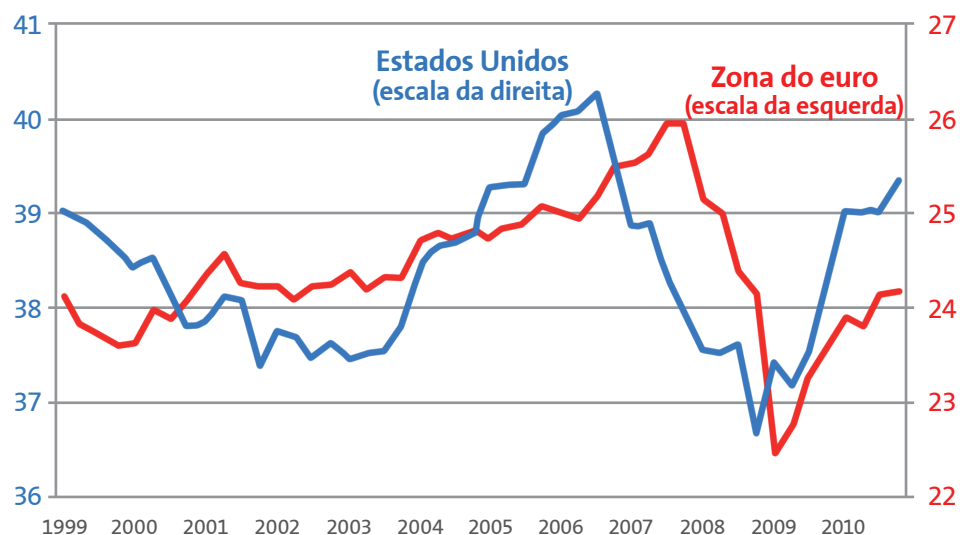
CONTINUA NAS PÁGINAS 8 E 9...

...CONTINUAÇÃO DA PÁGINA ANTERIOR

2011: da regressão social às revoluções e à resistência

Felizmente, 2010 terminou mais cedo do que de costume, mais precisamente em 18 de dezembro. No dia seguinte, ocorreu na Tunísia, a primeira grande manifestação contra o desemprego e o aumento do custo de vida no país. O desenrolar dos acontecimentos instalou uma nova fase da crise, transformando-a em crise política.

No norte da África surgiram as primeiras grandes vitórias dos trabalhadores desde o início da crise econômica, com a derrubada de três governos aliados do imperialismo.

Em várias cidades do mundo surgiram praças Tahir e uma explosão de lutas sociais de todos os tipos varreu o mundo ocidental, aumentando a resistência da classe trabalhadora frente aos planos neoliberais. A Grécia viveu seguidas greves gerais, que se estenderam para Espanha, Portugal e Inglaterra. O movimento dos indignados expressou a radicalização da juventude, de largas camadas da classe média e do proletariado sem perspectivas de manter seu nível de vida. "Ocupe Wall Street" marcou o início de mobiliações populares nos EUA e se transformou em "Ocupe os EUA".

A reação dos trabalhadores e da juventude nublou ainda mais o panorama econômico. A necessidade de impor os planos econômicos de austeridade se transformou em crise política. E isso terminou por agravar a crise econômica: o ensaio de recuperação econômica foi substituído por sinais claros de uma nova recessão, a recuperação do mercado financeiro, pela retomada da instabilidade e a administração da dívida pública europeia não tem conseguido afastar a possibilidade de calotes.

Dilemas, perspectivas e desafios

Aos olhos do Capital, os dilemas para a crise atual são: a) retomar o crescimento econômico, b) estabilizar o sistema financeiro e c) administrar a dívida pública. A curto prazo, nenhum deles é possível.

O crescimento econômico nos países centrais não está sendo retomado porque a burguesia duvida de novos investimentos perante a crise política que se abre com as lutas dos trabalhadores. Os planos de austeridade também são em si mesmos, recessivos, por cortar em investimento público, salários e direitos. Ou seja, as medidas que viabilizaram a leve recuperação em 2010 são as mesmas que estão causando a recessão atual.

Não se trata de saber se a recessão irá começar no quarto trimestre de 2011, no primeiro de 2012 ou um pouco depois, mas qual a intensidade dela. A perspectiva para os próximos anos, caso se afirmem as políticas dos governos atuais, é de longas fases de baixo crescimento econômico, alternando com períodos de recessão, principalmente nos países centrais. E ainda segue aberta a possibilidade de uma nova depressão.

Vale lembrar que este cenário não significa imediatamente prejuízos para o Capital: ainda lhe resta apostar no mercado financeiro.

NOVAS TURBULÊNCIAS FINANCEIRAS

É justamente isto que os capitais têm feito: apostado na valorização dos ativos financeiros para garantir sua lucratividade. No entanto, como as finanças não criam riqueza nova, a valorização do capital financeiro depende da criação ou transferência constante de valor de outro setor. Antes da crise, os novos recursos foram garantidos pelo crescimento econômico e o endividamento público. Com a crise e a recessão, o endividamento público passou a cumprir este papel sozinho.

Os pacotes aos bancos não foram utilizados para abrir linhas de crédito para o setor produtivo. Estes recursos têm sido usados para aumentar ainda mais a especulação financeira, sempre com a possibilidade da formação de novas bolhas. Ou seja, as mesmas medidas que levaram à estabilização do mercado financeiro em 2010 contribuíram, junto com a crise da dívida pública, para as turbulências financeiras em 2011. Neste sentido, a perspectiva para 2012 é de aumento da instabilidade, com a possibilidade de formação novas crises financeiras e quebras de bancos na Zona do Euro e dos países europeus.

A cada vez que isso ocorrer, uma fuga de capitais para os investimentos considerados seguros vai provocar queda das bolsas no mundo todo, desvalorizando as ações das empresas e aprofundando ainda mais o quadro recessivo.

Ironicamente, uma regulação do mercado financeiro limitando-se apenas a conter a especulação para evitar uma nova crise financeira, só iria antecipá-la. O primeiro país que quiser apenas regular o mercado financeiro ao invés de estatizá-lo, será o primeiro a sofrer com a fuga de capitais. O reformismo, que sempre foi apresentado como realista pela social-democracia, é a proposta mais utópica das que estão colocadas à mesa.

Com baixo crescimento econômico e sobreacumulação de capital, a estabilidade financeira na Europa a curto prazo só pode ser conseguida por uma estatização do sistema financeiro sem indenização. É claro que isto não interessa ao capital. Sendo assim, seus esforços não têm sido para superar a crise a curto prazo, mas administrá-la por meio do caráter rentista do Estado. Visivelmente, isso está agravando a crise.

Líbia: quem os revolucionários devem apoiar?

Opinião Socialista

Greve e revolta nas obras do PAC

ATO CONTRA PRISÕES EXIGE O FIM DOS PROCESSOS

ATIVISTA GLBT É AGREDIDO EM SÃO PAULO

Cuba: Reportagem especial

OS 421
De 6 a 19 de abril

PSTU Juventude

Inflação: aumento da desigualdade e da miséria

Revolução Árabe

Não ao corte nas verbas da educação e das áreas sociais!

Venha para a Juventude do PSTU

BOLETIM JUVENTUDE
maio

Opinião Socialista

100 dias de governo Dilma... e as greves operárias

Tragédia em realengo e a cultura de violência no capitalismo

LÍBIA E SÍRIA: um duro debate divide a esquerda

CERCAR DE SOLIDARIEDADE O POVO CUBANO

LATIFUNDIÁRIOS QUEREM MUDAR LEGISLAÇÃO FLORESTAL

O QUE MUDA NO HAITI DEPOIS DAS ELEIÇÕES?

PREPARAR O CONGRESSO DA ANEL

OS 422
De 22 de Abril a 3 de Maio

Quais sãos as alternativas?

Quando as grandes crises econômicas do Capital também se tornam grandes crises políticas dos governos e dos regimes burgueses, o confronto entre Capital e trabalho resulta em quatro tipos de saídas históricas: contra-revolução, reformas sociais, contra-reformas ou revoluções.

A contra-revolução foi largamente utilizada, quer pelo nazi-fascismo na Europa a partir dos anos 1920, quer pelas ditaduras militares na América Latina durante quase todo o século 20. Ao invés de uma demonstração de força do poder burguês, ela denota a sua fraqueza, pois expressa a incapacidade de manter a dominação burguesa sem o recurso da repressão direta e sistemática às reivindicações dos trabalhadores e às suas organizações.

A implementação e expansão de reformas sociais foi a alternativa do Capital para sair da crise de 1929 nos EUA e conter a ameaça da revolução social no fim da Segunda Guerra Mundial. O período foi marcado pela hegemonia do capital industrial e pela criação do Estado de bem-estar social. Esta via de acumulação entrou em crise nos 1970 e as contra-reformas neoliberais se constituíram como sua alternativa que, por sua vez, também entraram em crise, na década passada.

MUDAR AS ESTAÇÕES

Com a crise da dívida pública na Europa e a guerra social em curso, mais uma vez estamos diante de crises históricas. A sua solução não cabe mais nos salões estreitos das reuniões do G20, o seu desfecho será nas praças europeias.

O projeto da burguesia já está desenhado: completar a privatização do Estado iniciada em 1980, aprofundando as contra-reformas neoliberais. Para salvar a Zona do Euro, o capital optou por sacrificar a sua periferia. É preciso atacar o Estado do bem-estar no conjunto da Europa, e não deixar qualquer resquício dele em países como Espanha, Grécia, Portugal e Irlanda. Existe a tendência de que esses países também tenham seu status imperialista rebaixado para semicolonial. Ao mesmo tempo, eles poderão se tornar um cinturão de exército de reserva que irá pressionar a classe trabalhadora dos países centrais a também aceitarem os pacotes de ajustes.

Mesmo que consiga aprovar os planos de austeridade, novos planos serão necessários. O ataque do Capital está apenas se iniciando, e não há garantia nenhuma na sua efetivação. A queda recente de vários governos é um termômetro do aumento da crise de dominação burguesa. Mesmo medidas simples da democracia burguesa que até ontem eram largamente utilizadas, como os plebiscitos, hoje têm o poder de colocar em risco a União Europeia. O próximo período pode levar a situações e crises revolucionárias em países imperialistas, o que não ocorria desde a revolução portuguesa de 1975. É a luta de classes que vai decidir o curso da crise econômica.

Como os revolucionários bem sabem, o que está em jogo é uma mudança histórica que será decidida nos próximos anos. Como a queda dos Estados do Leste Europeu colocou em cheque o socialismo, essa crise pode colocar de novo o embate capitalismo-socialismo na ordem do dia.

O inverno dos europeus está chegando e promete ser rigoroso, mas as primaveras árabes decidiram ficar por mais um tempo. Como o mundo está realmente muito mudado, vamos ver que tem força para alterar as estações.

Gasto em salários como porcentagem do PIB (EUA)

Greve geral parou Portugal no dia 24

DA REDAÇÃO

Em Portugal, o dia 24 de novembro voltou a ser uma jornada de combate na resistência dos trabalhadores e do povo à guerra da austeridade imposta pelos governos da União Europeia. A greve, convocada pelas centrais CGTP e UGT, atingiu tanto o setor público quanto o privado, afetando principalmente transportes, educação e saúde. Também ficou patente que o apoio à greve por parte destes trabalhadores e pela população em geral foi esmagador.

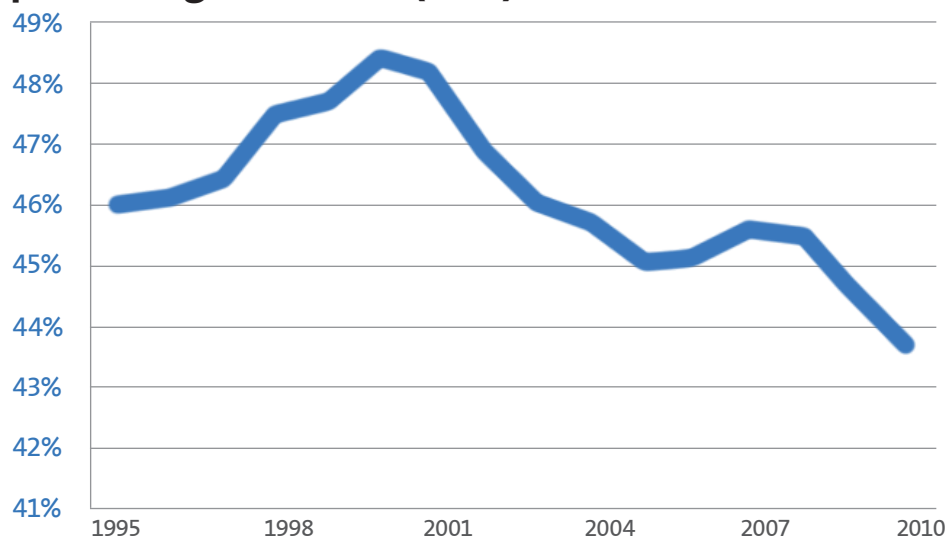
A manifestação do dia 24 veio mostrar que a principal fraqueza da resistência aos ataques não é a falta de disponibilidade para a luta, mas a falta de quem os convoque. A Plataforma do 15 de Outubro assumiu essa tarefa, as centrais sindicais tiveram de segui-la, e terão de voltar a assumi-la no futuro. É nisso que nos empenhamos.

Greves paralisam Grã-Bretanha e Bélgica

DA REDAÇÃO

A resistência aos ataques chegou com força em mais um país da Europa, a Bélgica. Mais de 80 mil manifestantes saíram às ruas da capital Bruxelas, contra os planos de austeridade. O novo governo liderado pela social-democracia já anunciou um plano de cortes orçamentais com uma redução de 11 mil milhões de euros. Recentemente, a agência financeira Standard & Poors rebaixou os títulos públicos da Bélgica.

Já na Grã- Bretanha, os trabalhadores do setor público fizeram, no último dia 30, a maior paralisação no país desde os anos 1970. Mais de mil manifestações em todo o Reino Unido afetaram escolas, hospitais, aeroportos e repartições públicas. Segundo os organizadores, cerca de 2 milhões aderiram aos protestos. O protesto foi convocado pelo Congresso Anual das Trade Unions (sindicatos) da Grã-Bretanha, que tem 58 sindicatos filiados. Apesar das manobras da burocracia, o congresso foi uma importante mostra de que a pressão das bases sobre os líderes sindicais vem crescendo.

O protesto foi contra mudanças propostas no sistema de aposentadorias. A proposta do governo David Cameron quer obrigar os britânicos a trabalhar até os 67 anos para se aposentar, contra os 60 atuais, além de impor contribuições mais altas e diminuir o valor da pensão, que seria calculada em função da média de todos os anos trabalhados, e não do último salário. ■

O que os trabalhadores podem esperar do Governo Dilma em 2012

Mais lucros para capitalistas... e ataques aos trabalhadores

EDUARDO ALMEIDA E JEFERSON CHOMA,
da Redação

O governo Dilma é uma continuidade dos governos de Lula. Isso é verdade em muitas características essenciais, como a combinação entre a colaboração estreita com as grandes empresas e o apoio da maioria dos trabalhadores. Nesse momento é aplaudida pelos bancos e multinacionais instalados no país e conta com apoio de 71% do povo brasileiro. Isso é possível pela combinação de crescimento econômico e o caráter desse governo que, aos olhos dos trabalhadores, aparece como "seu governo", quando na verdade governa para o grande Capital.

Mas, pode ser que Dilma represente um ataque aos trabalhadores bem maior do que seu antecessor. Tudo vai depender em que medida a economia brasileira vai ser afetada pela crise mundial. E é isso que vai afetar, em maior ou menor medida, a vida dos brasileiros em 2012.

O QUE MOSTRA O PRIMEIRO ANO DO GOVERNO DILMA

Dilma já deu mostras do que é capaz: termina seu primeiro ano de governo acumulando alguns recordes nos ataques aos trabalhadores e favorecimento às grandes empresas.

Já nos primeiros dias, Dilma aplicou todo o receituário neoliberal para supostamente "combater a inflação". Fez um corte de R$ 50 bilhões de reais no orçamento federal, o maior de toda a história. Nem FHC tinha conseguido fazer isso, e o maior corte dos governos Lula tinha sido de R$ 21,8 bilhões, em 2010. Esses cortes foram sentidos nos gastos sociais, com redução de 3,1 bilhões na educação e R$ 5 bilhões no programa de habitação "Minha casa Minha vida".

Logo depois, impôs um arrocho no salário mínimo. Pela primeira vez, desde 1997, o mínimo foi reajustado abaixo da inflação (-1,3%). Ou seja, pior que na maior parte dos governos FHC e que nos dois mandatos de Lula. E fez isso exatamente quando os deputados tinham dado um reajuste a si mesmos de 62%, e quando a própria presidenta teve um reajuste de 132% no seu salário.

Por outro lado, Dilma impõe um comprometimento de toda a economia brasileira para o pagamento da dívida pública, o que é também inédito na história recente do país. Nada menos que 49,15% de todo o orçamento, em 2011, foi destinado ao pagamento dos juros e amortização da dívida, segundo a Auditoria Cidadã da Dívida. Ou seja, cerca de metade de tudo o que se arrecada em impostos e taxas no país é entregue aos banqueiros para pagar uma dívida que já foi paga inúmeras vezes. O dinheiro que seria destinado à saúde, educação e reforma agrária alimenta os lucros dos banqueiros internacionais como nunca foi feito no país.

O orçamento de Dilma para 2012 repete a mesma situação. O governo vai gastar R$ 1,06 trilhão, ou seja, 48% de todo o orçamento, com o pagamento aos banqueiros. Ou seja, o governo gastará muito mais com a dívida pública do que com o funcionalismo (R$ 203 bilhões), investimentos (R$ 165 bi) e Previdência Social (R$ 308 bi) juntos.

Não por acaso, os lucros dos bancos no país não param de crescer. Só nos últimos 14 anos cresceram 1.575%, uma média de 112% ao ano. Em 2010, os lucros dos bancos brasileiros cresceram 28,7%, quatro vezes mais que o PIB. Não é por acaso: a candidatura de Dilma recebeu mais dinheiro dos banqueiros do que a do próprio Serra.

1 ano de maldades...

- ✔ Corte de R$ 50 bilhões de reais do orçamento federal, o maior de toda a história, atingindo particularmente as áreas sociais (R$ 3,1 bilhões da Educação e R$ 5 bilhões do programa Minha Casa Minha Vida).
- ✔ Arrocho no salário mínimo, reajustado abaixo da inflação (-1,3%).
- ✔ Aumento dos salários dos deputados (62%) e da presidente (132%).
- ✔ Veto ao kit anti-homofobia.
- ✔ Desvio de 49,15% de todo o orçamento para pagar os juros e amortizações da dívida.
- ✔ Projetos de congelamento de salários do funcionalismo.
- ✔ Privatizações de aeroportos e dos Correios.

As privatizações de Dilma começaram!

As privatizações voltaram à cena neste ano. Apesar das promessas de campanha, o governo Dilma anunciou a entrega dos aeroportos ao capital privado. Os argumentos utilizados são os mesmos usados pelo governo FHC para privatizar as estatais. Ou seja, de que o setor público seria sinônimo de ineficiência e incompetência, ao contrário da iniciativa privada.

Como se não bastasse, o governo privatizou a Empresa dos Correios e Telegráficos, por meio da criação da Correios S.A., através da Medida Provisória 532. A medida ameaça o chamado monopólio postal, ou seja, a exclusividade na prestação de serviço de postagem e entrega de cartas, telegramas e correspondências em malotes. Também põe fim à universalização dos serviços postais. Associados ao capital privado que apenas visa o lucro, as regiões mais distantes do país poderão deixar de ser atendidas pelos Correios. Por fim, a privatização dos Correios também é uma ameaça aos mais de 107 mil funcionários contratados em regime celetista, que poderão enfrentar uma degradação das condições de trabalho e salários.

Queda-livre

7 de junho, Antonio Palocci (PT), Ministro da Casa Civil
6 de julho, Alfredo Nascimento (PR), Ministro dos Transportes
4 de agosto, Nelson Jobim (PMDB), Ministro da Defesa
14 de agosto, Pedro Novais (PMDB), Ministro do Turismo
17 de agosto, Wagner Rossi (PMDB), Ministro da Agricultura
26 de outubro, Orlando Silva (PCdoB), Ministro dos Esportes
4 de dezembro, Carlos Lupi (PDT), Ministro do Trabalho

Corrupção: Faxina? Não, a sujeira vai aumentar...

O ano também foi marcado por notórios escândalos de corrupção que atingiram em cheio o governo e derrubaram seis ministros ao longo do ano. Mais um recorde.

A lista começou com Antônio Palocci, ministro da Casa Civil da Presidência, mas avançou para Alfredo Nascimento, dos Transportes; Wagner Rossi, da Agricultura; Pedro Novais, do Turismo e Orlando Silva, do Esporte. O último foi o ministro do Trabalho, Carlos Lupi (PDT).

Os escândalos que derrubaram os ministros explicitaram, mais uma vez, as relações espúrias entre o setor público e privado. Empresários, banqueiros e latifundiários, financiadores das campanhas e dos grandes partidos que estão no poder, que em troca abocanham contratos e a aprovação de leis.

DEBAIXO DO TAPETE

Mas, a idéia de que o governo realiza uma "faxina ética" está bem distante da realidade. A saída dos ministros sempre ocorre após uma avalanche de denúncias sem explicações. Para tentar evitar desgaste, Dilma tenta apresentar essas quedas como parte de uma ação moralizadora do governo, a fim de esconder essa crise. Mas segue governando com o PMDB, o maior de todos os partidos corruptos do país, que tem em sua direção José Sarney, Renan Calheiros e Jader Barbalho. E abafa na justiça os escândalos do próprio PT, como o mensalão.

Não existe "faxina". Existe uma política de preservação de Dilma que se repete a cada escândalo. Quando se descobre o roubo de um de seus ministros, Dilma tenta defendê-lo na medida do possível. Logo se afasta, quando percebe que pode sair desgastada do escândalo público, e força a saída do ministro.

CORRUPÇÃO OLÍMPICA

Mas a corrupção é um expediente comum dos governos petistas, como no maior dos escândalos, o do Mensalão, em 2005. Exatamente a mesma prática dos governos FHC, com os escândalos das privatizações e da reeleição.

No governo Dilma, a corrupção terá uma forte base nos investimentos que estão sendo feitos para a preparação da Copa e da Olimpíada. Os estádios, assim como todas as obras, estão sendo construídos em base a uma nova legislação imposta por Dilma, que impede que os orçamentos sejam controlados publicamente. Se fossem públicos, já haveria a corrupção de sempre. Com um negócio de cerca de 20 bilhões de reais sendo construído dessa maneira, pode-se imaginar como será.

Assim não é difícil prever que em 2012, a corrupção deve aumentar. Novos escândalos serão descobertos e outros ministros cairão.

Novos ataques aos trabalhadores engatilhados para enfrentar a crise internacional

Apesar da crise mundial, o Brasil ainda goza, neste momento, de um crescimento da economia. As grandes multinacionais apostam no Brasil como plataforma de exportações de matérias primas para todo o mundo e de automóveis e eletrodomésticos para a América Latina.

Os planos de investimentos dessas empresas seguem sendo aplicados no país, que tem uma mão de obra barata e um governo completamente alinhado com as multinacionais. Crescimento econômico e super exploração dos trabalhadores caminham juntos no Brasil. Os lucros obtidos aqui são importantes para compensar parcialmente a crise nos países imperialistas.

MEDIDAS

Além disso, a perspectiva da exploração do petróleo com o pré-sal e as obras para a Copa e Olimpíada são elementos a mais para manter o crescimento.

Mesmo assim, existe uma desaceleração da economia, que vai cair de um crescimento de 7,5%, em 2010, para algo próximo a 3%, em 2011. Essa desaceleração deve seguir em 2012, não estando claro quando e se virá ou não ocorrer uma nova recessão no país como fruto da crise internacional.

Mas a desaceleração já é um reflexo das consequências da crise mundial no Brasil. Dilma está preocupada e, por isso, repete preventivamente as medidas aplicadas por Lula para enfrentar a crise de 2008, mesmo antes de a economia brasileira viver uma recessão.

A taxa de juros, que aumentou no início de seu governo, de 10,75% para 12%, passou a ser reduzida, chegando a 11%. Repete a postura de Lula, que baixou de 13,5%, em 2008, para 8,75%, em 2009. Em todos esses casos, não se mudou o essencial da política econômica. E os juros seguem sendo os maiores de todo o mundo.

Está também aplicando a redução de impostos para as empresas, para tentar segurar o consumo, em queda, com a redução do IPI para a linha branca, uma reedição da política de Lula.

PROJETOS

Por outro lado, não anunciou nenhuma iniciativa real em defesa dos trabalhadores. Ao contrário, tramitam no Congresso Nacional projetos que representam graves ataques aos direitos dos trabalhadores. Um exemplo é a PL 549/2009, que propõe o congelamento dos salários dos servidores públicos. Também há o Projeto de Lei 1992/2007, que visa privatizar a Previdência desses servidores. Já o Projeto de Lei 1749/2011 tem objetivo avançar na privatização dos Hospitais Universitários.

Não podemos nos esquecer da possibilidade do governo aplicar uma nova reforma da Previdência no caso do país sofrer com os efeitos da crise mundial.

O projeto, que está na mesa da Secretaria de Política Econômica do Ministério da Fazenda desde 2010, prevê uma nova regra draconiana que estabelece que a soma do tempo de contribuição e da idade do assegurado deve atingir 105 para que ele se possa se aposentar (e 95 para as mulheres). Na prática essa regra estabeleceria a idade mínima para as novas aposentadorias.

Por outro lado, também existe uma discussão apresentada pelo Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo (SP) que tem enorme gravidade. O sindicato defende que empresas e sindicatos possam fazer acordos "especiais", sem ficar presos à legislação. Ou seja, naquele que foi o berço do sindicalismo combativo no passado, está se discutindo uma proposta que poderia significar uma reforma trabalhista, contendo um ataque que nenhum governo de direita conseguiu até os dias de hoje. Com isso, se deixaria de lado as conquistas dos trabalhadores asseguradas por lei, para negociações conduzidas pelos pelegos.

CALIBRADA

Caso entrem em vigor, essas reformas seriam o maior ataque aos trabalhadores, semelhante às reformas levadas a cabo neste momento pelos governos da Europa.

O governo Dilma vai calibrar o ataque em função da realidade internacional e seus reflexos sobre a economia brasileira. Pode ser que se dê em 2012? Não se sabe. Vai depender da situação econômica e da luta de classes. Mas, conhecendo os resultados do primeiro ano de governo de Dilma, é bom estar preparado. ■

Eleições municipais de 2012: Apresentar uma alternativa socialista e dos trabalhadores

ANDRÉ FREIRE, da Direção Nacional do PSTU

Em outubro de 2012 teremos mais uma eleição no país. Serão eleições municipais, para prefeitos e vereadores e veremos novamente a tentativa de repetição da falsa disputa entre os que apoiam o governo Dilma (PT, PMDB, PCdoB, PSB, PDT, entre outros) e os da chamada oposição de direita (PSDB, DEM e PPS).

Na maioria das cidades eles vão apresentar as mesmas propostas mentirosas, prometendo "governar para todos", mas, quando chegam ao poder, sempre governam segundo os interesses dos grandes empresários, atacando os direitos dos trabalhadores e da maioria do povo.

Como se diz no bom português, mesmo que sejam todos *"farinha do mesmo saco"*, vão buscar aparecer como diferentes entre si para tentar mais uma vez enganar a classe trabalhadora e disputar o comando das mais de cinco mil prefeituras.

Em outras centenas de cidades, como Belo Horizonte, por exemplo, a semelhança ficará ainda mais evidente para os trabalhadores, pois, mais uma vez, o PT e o PSDB devem estar na mesma aliança política, patrocinando a tentativa de reeleição do atual prefeito Márcio Lacerda (PSB).

O Brasil ainda vive um relativo crescimento econômico, ao contrário do que ocorre na Europa e nos EUA. Mas este crescimento é marcado cada vez mais pela desigualdade social.

Para as grandes empresas segue a política de investimentos públicos e isenções fiscais, como ficou evidente no anúncio na semana passada de mais um pacote de renúncia fiscal do governo a favor dos grandes empresários, que levará a que o Estado deixe de arrecadar cerca de R$ 7 bilhões, em 2012.

Enquanto isso, os trabalhadores sofrem com o arrocho salarial, o crescimento inflacionário, aumento alucinante do ritmo do trabalho, da exploração e das doenças profissionais, além das privatizações de Dilma, como a dos Correios e de aeroportos.

Mas, este país, marcado pela desigualdade social e pela exploração, não será mostrado nas eleições. Ao contrário, o financiamento bilionário das grandes empresas a seus candidatos e o papel dos grandes meios de comunicação transformarão mais uma vez as eleições em "jogo de cartas marcadas", onde somente partidos e candidatos que apoiam o atual modelo econômico terão espaço na grande imprensa e apenas alguns estarão nos debates.

QUAL PAPEL DEVE CUMPRIR A ESQUERDA SOCIALISTA NAS ELEIÇÕES?

Ao contrário de uma greve ou de uma mobilização, as eleições são um terreno minado, dominado por regras impostas pela burguesia, seu Estado e seus governos.

Diante desta difícil situação, sempre ficam as perguntas: qual o papel da esquerda socialista nas eleições? Apoiar os partidos ditos de esquerda que governam para a burguesia, como PT e PCdoB? Ampliar nossas alianças eleitorais para partidos burgueses ou governistas? Boicotar as eleições?

Para alguns, o boicote às eleições, ou o voto nulo, pode até aparecer uma posição radical e de esquerda, mas, no atual contexto, representam uma facilitação do "trabalho sujo" dos grandes partidos, tanto do governo como da oposição de direita, que buscam enganar a nossa classe.

Estamos em um momento no qual a esmagadora maioria dos trabalhadores ainda acredita que é necessário participar das eleições e, de nossa parte, temos o direito de apresentar nossos candidatos. O abstencionismo político só teria uma única conseqüência prática: deixar os trabalhadores sem uma alternativa classista e socialista nas eleições.

Nosso partido quer trazer para o debate eleitoral a importância e o exemplo das revoluções no Norte da África e Oriente Médio e das poderosas greves e mobilizações dos trabalhadores na Europa contra os planos de ajuste. Trazendo para o debate as mobilizações em várias partes do planeta, queremos discutir com os trabalhadores brasileiros, que protagonizaram centenas de greves em 2011, que só existe um caminho possível para derrotar os ataques dos patrões e dos governos e arrancar as nossas reivindicações: retomar as mobilizações e greves.

Com este entendimento sobre as tarefas da esquerda socialista nas eleições é que o PSTU vem propondo aos ativistas que estiveram nas greves operárias e do conjunto dos trabalhadores do último ano, para a juventude que não se cansou de lutar em defesa da educação e contra o aumento das passagens, para as entidades e movimentos que estão construindo a CSP-Conlutas e a ANEL, e a partidos como o PSOL e o PCB, que apresentemos conjuntamente uma alternativa dos trabalhadores e socialista nas próximas eleições.

UMA VERDADEIRA FRENTE DE ESQUERDA E SOCIALISTA

Somente uma alternativa totalmente independente dos governos e da burguesia pode disputar a consciência dos trabalhadores, no momento das eleições. Só assim será possível defender a sua independência política diante dos patrões, a retomada das mobilizações dos trabalhadores e da juventude e disputar o voto da nossa classe para as nossas candidaturas.

Uma alternativa que seja globalmente oposta tanto às candidaturas da base do governo como às da oposição de direita. Portanto, para que esta alternativa seja de fato uma frente de esquerda e socialista é preciso que ela não tenha nenhuma aliança com os partidos burgueses ou governistas e que apresente um programa anticapitalista e socialista, que busque responder às necessidades dos trabalhadores, da maioria do povo e dos setores oprimidos, buscando sempre uma ponte com seu nível de consciência.

Uma frente eleitoral que seja de fato oposição de esquerda aos governos federal, estaduais e às atuais prefeituras e que não aceite nenhum financiamento das empresas e empresários. Que seja construída respeitando o peso social dos partidos que nela participem e busque envolver os ativistas que estão a favor da sua construção. ■

OS 425
8 a 29 de junho

* *Encarte especial, 15 anos do Opinião Socialista*

OS 426
30 de junho a 13 de julho

Direção do PSOL busca alianças com partidos burgueses em 2012

Congresso Nacional do PSOL não veta coligações com partidos burgueses e governistas e transfere decisão para o Diretório Nacional

ANDRÉ FREIRE, da Direção Nacional do PSTU

O PSOL acaba de realizar seu Congresso Nacional, onde as teses majoritárias oscilaram entre aquelas que já assumiram, de cara, a proposta de alianças com setores burgueses nas próximas eleições e outras que, admitindo esta hipótese como correta, apresentam a proposta de transferir esta decisão para o Diretório Nacional ou para uma futura convenção eleitoral.

Acabou prevalecendo, segundo informes oficiais do próprio congresso, a decisão de admitir a possibilidade das coligações com partidos burgueses e partidos governistas, mas transferindo a decisão final sobre o assunto para o Diretório Nacional. Independentemente da resolução formal do Congresso, o que está em curso é o aprofundamento da linha já aplicada parcialmente em 2008 e 2010.

Infelizmente, a esmagadora maioria da direção nacional do PSOL propõe o caminho da chamada ampliação das alianças políticas com partidos burgueses ou governistas, como PV, PSB, PTB e PCdoB. Assim, busca repetir o mesmo caminho que o PT trilhou no final dos anos 1980 e na década de 90, ou seja, adaptar seu programa e estratégia às alianças com partidos burgueses, com o argumento que esta é a única forma para facilitar o aumento das bancadas e a chegada ao poder municipal. A própria trajetória do PT já demonstra onde termina, inevitavelmente, esta flexibilização do princípio da independência política da classe trabalhadora diante da burguesia e de seus partidos.

Em 2008, dos 25 vereadores eleitos pelo PSOL, nada menos do que 15 conseguiram a sua eleição em alianças com partidos burgueses e governistas. Depois disso, alguns destes vereadores foram expulsos, principalmente das pequenas cidades. Mas, nas cidades mais importantes, onde os mandatos eram controlados por correntes majoritárias do PSOL, a direção nacional avalizou a eleição de vereadores aliados com partidos burgueses. Como em Macapá (AP), em aliança com PSB e PMN, e em Porto Alegre (RS), com o PV.

Outra triste lembrança das eleições de 2008 foi o fato de o PSOL de Porto Alegre (RS) ter aceito financiamento de grandes empresas, como a Gerdau, para a campanha de Luciana Genro à prefeitura.

Em 2010, vimos a iniciativa da maioria da direção do PSOL em buscar a aliança com a candidatura presidencial de Marina Silva, naquele momento no PV. Esta aliança acabou não se concretizando, depois de negociações públicas que se esticaram até o ano das eleições, pois esbarrou na aproximação do PV com partidos da oposição de direita, especialmente com a aliança de Fernando Gabeira (PV) e o PSDB, para as eleições da prefeitura do Rio de Janeiro.

Agora, em 2011, nas discussões preparatórias para eleições municipais, ao contrário do que esperavam os militantes de base do PSOL e algumas das suas correntes mais à esquerda, não estamos vendo uma revisão do caminho equivocado de 2008 e 2010, mas, sim, a intensificação da política de alianças com partidos burgueses.

O Congresso do PSOL no Rio de Janeiro aprovou a candidatura a prefeito de Marcelo Freixo e, por ampla maioria de votos, a aliança do PSOL com o PV e com o mesmo Gabeira, que deve se candidatar a vereador. Ou seja, o mesmo Gabeira que em 2010 se aliou com o PSDB pode estar agora lado a lado com o PSOL. Além da decisão da aliança com o PV, o Congresso vetou possibilidade de aliança na chapa proporcional com os outros partidos, demonstrando mais uma vez o hegemonismo do PSOL diante dos outros partidos da esquerda, como o PSTU e o PCB.

Em 2008, dos 25 vereadores eleitos pelo PSOL, nada menos do que 15 conseguiram a sua eleição em alianças com partidos burgueses ou governistas

O Amapá viveu a polêmica eleição do senador Randolfe Rodrigues em 2010, em aliança pública e informal com o PTB e outros partidos burgueses. Antes, em 2008, já havia ocorrido a eleição do vereador Clécio Luis, em coligação com o PSB. Agora, o PSOL, por exigência de Randolfe, discute alianças ainda mais amplas envolvendo partidos governistas como o próprio PT e o PCdoB, além de PTB, PTC e outros partidos burgueses, para tentar viabilizar sua eleição a prefeito.

Infelizmente, esta mesma situação ameaça se repetir em outras capitais e cidades importantes, como Belém (PA), onde a coligação em torno da candidatura do deputado estadual Edmilson Rodrigues a prefeitura pode incluir o PCdoB.

SENADOR RANDOLFE (PSOL-AP) impõe condição para se candidatar: aliança ampla e irrestrita.

PSTU MANTERÁ CHAMADO PELA FRENTE DE ESQUERDA E SOCIALISTA

Nosso partido seguirá nestes primeiros meses chamando o PSOL, o PCB e o conjunto dos movimentos sociais combativos do país a construir conjuntamente uma Frente de Esquerda e Socialista nas principais cidades.

Uma frente que seja realmente independente política e financeiramente da burguesia, que não tenha financiamento de empresas e empresários, que seja realmente de oposição de esquerda a todos os governos e que seja construída de forma democrática, respeitando o peso social dos partidos e organizações envolvidas.

Neste sentido, têm sido importante os exemplos positivos de cidades como Aracaju e Natal, onde estão sendo realizadas discussões programáticas iniciais entre os partidos, organizações e ativistas. Nestas cidades, ainda que existam diferenças políticas, já se rejeitou toda e qualquer aliança com partidos burgueses, em sentido oposto ao caminho adotado, infelizmente, pela maioria da direção nacional do PSOL.

Renovamos o chamado a que a direção nacional do PSOL e as direções deste partido, pelo menos no Rio de Janeiro e no Amapá, a que revejam o caminho escolhido das alianças com os partidos burgueses, para que se possa retomar as discussões sobre a construção de uma frente de esquerda e socialista na maioria das cidades.

Mas, queremos deixar público que, onde este caminho for adotado pelo PSOL, o PSTU não participará destas alianças de conciliação de classe, e discutirá com os movimentos sociais combativos e o PCB a possibilidade de uma frente. Ou apresentará diretamente suas candidaturas nas eleições para seguir defendendo o princípio da independência política dos trabalhadores e de suas organizações. ■

www.pstu.org.br

Veja a lista completa de vereadores eleitos pelo PSOL, em coligações com partidos burgueses: http://bit.ly/psol2008ver

Opinião Socialista

Dívidas assombram trabalhadores

OS 427

13 a 26 de julho

Crescimento com salários baixos, inflação e juros altos não serve.

Os trabalhadores estão indignados!

Dinheiro tem... O problema é para onde está indo!

Corrupção derruba dois ministros de Dilma

BOLETIM 39

Julho

A juventude luta no mundo, a ANEL se consolida no Brasil

CLARA SARAIVA, da Secretaria Nacional de Juventude do PSTU

O ano ficará marcado na história como um ano em que a juventude se levantou em todo o mundo. Logo no seu despertar, jovens tunisianos e egípcios derrubaram ditaduras. As batalhas enfrentadas no mundo árabe se espalharam pela Europa. Surgiu uma nova geração de lutadores, dispostos a combater sem medo para que os ricos paguem pela crise. As ocupações de praça se generalizaram por todo o mundo. Impossível será explicar 2011 sem mencionar os jovens que protagonizaram os grandes conflitos sociais do ano.

E NO BRASIL?

Por aqui, apesar de ainda não vermos grandes processos, o impacto das grandes manifestações pelo mundo incidiu sobre os jovens ativistas alentando as lutas pela educação. O exemplo de combatividade da juventude europeia impulsionou a consolidação de uma alternativa à passividade da União Nacional dos Estudantes. Para falar do movimento estudantil brasileiro em 2011, não se pode ignorar a presença incontestável da ANEL (Assembleia Nacional dos Estudantes – Livre!).

ANEL RESPONDE AOS ATAQUES À EDUCAÇÃO

O governo Dilma começou o ano cortando R$ 3 bilhões da educação. Depois, propôs um novo Plano Nacional de Educação (PNE), cujo significado é aprofundar a privatização e a falta de verbas do ensino público. Diante de todos os ataques à educação, a UNE nada fez.

Foi com a convicção da importância de fortalecer uma nova entidade estudantil no Brasil que, entre os dias 23 e 26 de junho, foi realizado o I Congresso da ANEL. Mais de 1.700 estudantes de todo o país foram ao Rio de Janeiro participar do Congresso.

Ao longo do primeiro semestre, milhares de estudantes se envolveram nos debates acerca dos processos de eleição de delegados. O tema central abordado durante a construção do Congresso esteve relacionado com a defesa da educação pública e a luta pelo investimento de 10% do PIB no setor. Foram intermináveis debates sobre o novo Plano Nacional de Educação, acumulando uma compreensão comum de seu significado.

LUTAS EM DEFESA DA EDUCAÇÃO

Em agosto, a juventude se somou aos milhares de trabalhadores que se reuniram em Brasília participando da Jornada de Lutas, ao lado da CSP-Conlutas, ANDES-SN, MST, MTST, além de servidores e professores em greve. Em seguida, a ANEL organizou um ato em frente ao Ministério da Educação, onde uma comissão de estudantes foi recebida pelo ministro da educação, Fernando Haddad.

A partir daí, a temperatura esquentou no movimento estudantil. Houve lutas em diversas universidades e escolas que mobilizaram milhares de estudantes. Elas reivindicavam melhorias na assistência estudantil, mais professores, infra-estrutura e todas as condições necessárias para uma educação com qualidade. Ficou evidente que esses protestos foram consequência da política de expansão do governo federal realizada sem o aumento de verbas para manter a qualidade do ensino, e por isso o acúmulo de problemas. Somado a cada um desses processos, os estudantes se uniram pelos 10% do PIB já para a educação pública.

Em Teresina (PI) milhares de estudantes foram às ruas protestar contra o aumento da tarifa de ônibus. Os protestos foram tão fortes que fizeram a prefeitura recuar dos seus planos.

No fim do ano, os estudantes da USP viveram uma infeliz surpresa proveniente do reitor João Grandino Rodas. Para por fim a uma ocupação na reitoria da universidade, a policia invadiu a universidade e prendeu 73 estudantes. Rodas tem um projeto para fazer avançar a privatização na USP e a presença da polícia serve para impor suas vontades.

Após a presença ostensiva da PM no dia da desocupação da reitoria, o movimento estudantil da USP se levantou. Foram atos e assembleias com milhares de estudantes, mostrando que estão dispostos a lutar contra a repressão, em defesa da autonomia da universidade e por um verdadeiro plano de segurança para a USP.

"SE MUITO VALE O JÁ FEITO, MAIS VALE O QUE SERÁ!"

Após um ano com tantos acontecimentos importantes, é possível olhar pra frente e enxergar grandes oportunidades para 2012. Depois do I Congresso da ANEL, a entidade está em um novo patamar para organizar a luta estudantil. Os primeiros processos de mobilização e as batalhas que a juventude tem protagonizado em todo o mundo indicam também que teremos um ano de novos e grandes enfrentamentos, na medida em que o governo segue com sua política educacional.

Os estudantes continuarão com a batalha pela ampliação do investimento de 10% do PIB já para a educação pública, e a unidade com os trabalhadores para isso será fundamental. Assim, será também de grande importância a participação da ANEL no I Congresso da CSP-Conlutas reforçando o seu princípio da aliança entre os trabalhadores e estudantes. Teremos um ano de grandes oportunidades e desafios. E com muita organização, unidade e independência em relação aos governos, conseguiremos conquistar muitas vitórias. ■

Presente no Chile e no Egito!

A ANEL também esteve presente no Chile, em meio as poderosas mobilizações estudantis pela educação pública. A entidade participou dos protestos estudantis que se desenvolveram ao longo do ano. Os estudantes chilenos são submetidos a cobrança de taxas nas universidades e reivindicam a gratuidade no ensino.

Outro ponto forte da ANEL foi o envio de uma representante de sua Executiva Nacional para o Egito, para participar de uma conferência de jovens e somar a entidade ao importante processo revolucionário.

Opinião Socialista

METADE é dos banqueiros

OS 428
27 de julho a 9 de agosto

Opinião Socialista

Patrões lucraram muito no crescimento...

...agora, usam crise para ganhar ainda mais

OS 429
10 a 23 de agosto

O avanço da opressão no Governo Dilma

ANA PAGU, da Secretaria Nacional de Mulheres do PSTU

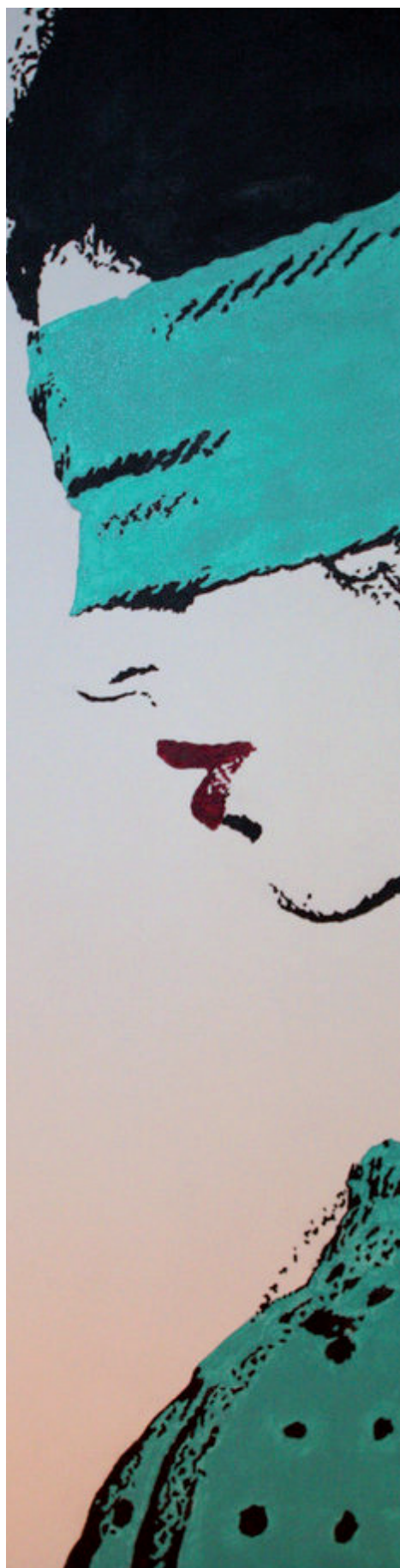
Em janeiro, tomou posse a primeira mulher eleita à presidência do país. Em seguida, ela estreou como a primeira mulher a presidir uma seção da Organização das Nações Unidas (ONU) e terminou o ano recepcionando, em Brasília, a primeira mulher diretora do Fundo Monetário Internacional (FMI), Christiane Lagarde. Espaços que historicamente foram ocupados por homens, neste ano, passaram a ter um rosto feminino. Algo mudou em 2011? Inaugurou-se a igualdade de oportunidade entre todos?

Infelizmente, não. Os dados do nosso país, a respeito da situação das mulheres, demonstram que as trabalhadoras vivem num cenário de baixos salários dupla jornada e violência.

VÍTIMAS DA EXPLORAÇÃO

Dados do IBGE (2010) confirmam a superexploração das mulheres que representam quase 52% do total da população. Recebem remuneração média de até 30% a menos que os homens para exercerem uma mesma função. As mulheres, ainda, gastam em média duas horas a mais por dia com os serviços domésticos, com a dupla jornada, que é feita dentro dos lares, de uma maneira invisível, que desobriga o Estado a construir restaurantes, creches e lavanderias coletivas e garante a manutenção e reprodução da força de trabalho.

VÍTIMA DA VIOLÊNCIA

Segundo o DATA-SUS, a cada duas horas uma mulher morre vítima da violência, sendo que a maioria dos agressores está dentro de casa. O principal programa de combate à violência do governo Dilma se concentra na Lei Maria da Penha (11.304/06). Mas, desde sua sanção, muito pouco se investiu para concretizá-la. O orçamento de combate à violência, em 2011, diminuiu. Antes, eram R$ 41,4 milhões e nesse ano foram previstos R$36 milhões, mas gastos apenas 18 milhões. A própria Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres (SPM) do governo reconheceu que os recursos são poucos, estimando que o mínimo deveria ser R$ 225 milhões,

ou seja, mais que dez vezes o que foi gasto. O resultado é que hoje existem apenas 48 juizados especializados (maioria nas capitais) para o atendimento à violência contra a mulher, 450 delegacias (antes da lei eram 395), 72 abrigos (antes eram 65).

A Lei Maria da Penha é uma parte do combate à violência, diante do avanço do machismo e da sua banalização. Mas ela não obriga o Estado a construir casas-abrigos, investir em atendimento jurídico e psicológico, assim como não instrumentaliza o arcaico e machista sistema judiciário e penal de nosso país. Por outro lado, é um avanço em relação ao código penal, porque tipifica a violência contra a mulher e dá possibilidades de defesa a um determinado setor oprimido da sociedade.

Mas, ainda que a lei fosse aplicada na íntegra, ela seria incapaz de acabar com a violência porque o combate reside num conjunto de medidas que visem melhorar as condições de vida das mulheres e permita que elas não sejam submetidas a situações degradantes.

A eleição de Dilma Rousseff não significou a superação do machismo.

A verdadeira igualdade entre homens e mulheres só será possível com o fim da sociedade dividida em classes. Dilma não tem como perspectiva de governo fazer isso. Mesmo sendo mulher, segue defendendo os interesses das elites brancas homofóbicas e machistas que sempre governaram nosso país.

Além de cortar verbas para os programas sociais (o que atingiu em cheio os programas voltados para o combate a opressão), seu governo é marcado pelo recuo de bandeiras históricas do movimento feminista, como o aborto e os direitos LGBT (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros). Aliás, no que se refere à criminalização da homofobia, o governo demonstrou uma postura vergonhosa ao recuar do Projeto Lei 122 em uma tentativa desesperada para salvar o ex-ministro Palocci, envolvido em escândalos de corrupção.

Dilma e o PT aceitaram as agendas religiosas e reacionárias, dando margem a um retrocesso na consciência das mulheres, em especial. Apesar de mulher, Dilma defenderá o projeto daqueles que financiaram suas campanhas, ou seja, empresários, banqueiros e latifundiários. Dará continuidade aos projetos de ataques aos trabalhadores na medida em que a crise mundial se aproxima. Por isso, não podemos esperar nada de Dilma. Vamos às ruas pelos nossos direitos.

Um partido que luta pelo fim da opressão

O PSTU, a partir de suas Secretarias de Negros e Negras, Mulheres e LGBT, esteve presente nas lutas contra as opressões. No dia 8 de março, no Carnaval, o partido lançou uma campanha pelo fim da violência contra a mulher, distribuindo leques em todo o país, e participou da plenária da Frente Nacional pela Legalização do Aborto. Também esteve junto às atividades contra a violência sexual nos transportes públicos, promovida pelo sindicato dos metroviários de São Paulo.

O partido também esteve presente na Marcha Contra a Homofobia e pela aprovação do PLC 122 original (que criminaliza a homofobia) e chamou o movimento a se organizar independentemente dos governos e patrões.

Na luta contra o racismo, o PSTU esteve presente nas Marchas da Periferia, construindo a luta em defesa do povo negro e em defesa dos quilombolas e das cotas raciais.

O PSTU acredita que a opressão só terá fim na sociedade sem classes, com o fim do capitalismo e que não incorporar, reconhecer e lutar pelas demandas democráticas dos setores oprimidos é um impeditivo para construir o socialismo. Por isso, muito mais que as atividades, o partido se preocupa em construir cotidianamente a luta contra a opressão, como parte da luta contra a exploração.

OS 430
24 de agosto a 6 de setembro

...ruas e praças em busca de mudança. Mesmo sob ...uitos diferentes, jovens europeus, árabes e chile-

Queremos uma Copa do povo

FORA RICARDO TEIXEIRA

Após 64 anos, vamos sediar novamente a Copa do Mundo. Mas o espetáculo do esporte virou um negócio e o governo a as empresas transformam a Copa na farra da corrupção.

Nos primeiros meses do governo Dilma já caíram 2 ministros corruptos. Agora vemos a flexibilização das licitações nas obras da copa. Com o sigilo, os orçamentos só serão divulgados depois do contrato fechado.

O PCdoB, partido de Orlando Silva, ministro dos Esportes, recebeu R$ 940 mil do McDonalds, da Coca Cola e do Bradesco, patrocinadores oficiais. O que vão querer em troca? A Copa está sendo feita como um megaevento, caríssimo e elitizado. O lucro está acima da alegria do futebol. Milhares de moradores estão sendo removidos de suas casas. Os ingressos não serão acessíveis e os estádios estão sendo reduzidos e privatizados. Só o Maracanã vai custar quase R$ 1 bilhão de verba pública. **Queremos uma copa do povo!**

BOLETIM JUVENTUDE
Agosto

PARA NINGUÉM DUVIDAR Operários da Volks (PR), de Jirau (PE) e da construção do Complexo Petroquímico do RJ entraram em greve.

A retomada das lutas operárias

O primeiro ano do governo Dilma foi marcado pela retomada do ascenso sindical. De norte a sul ocorreram muitas greves e mobilizações, mas o grande destaque foi, sem dúvida, o retorno das lutas da classe operária.

SEBASTIÃO CARLOS "CACAU", de São Paulo

Operários da construção pesada e civil e metalúrgicos, com destaque para os trabalhadores das montadoras, estiveram entre os que se mobilizaram, protagonizando greves importantes e alcançando vitórias econômicas parciais. Na Volkswagen do Paraná a greve durou 37 dias, algo que não se via há décadas na indústria automobilística brasileira.

Nas obras do PAC (Programa de Aceleração do Crescimento), os trabalhadores fizeram verdadeiras rebeliões contra as condições de trabalho nos canteiros de obra, enfrentando-se com os patrões, governos, a polícia, a Força Nacional de Segurança e a burocracia sindical. Foram os casos das usinas de Jirau e Santo Antônio, em Suape (PE), Pecém (CE), no Mato Grosso do Sul, em refinarias da Petrobras e em obras de estádios da Copa do Mundo.

A essas categorias somaram-se os petroleiros, trabalhadores da indústria química, gráfica, da mineração e da alimentação, dentre outros.

Mas as greves não se limitaram ao movimento operário. A retomada da inflação, combinada com o aumento da exploração no trabalho e os altíssimos lucros obtidos pelas grandes indústrias, pelos bancos e setores de comércio e serviços, potencializaram as lutas salariais.

Trabalhadores dos Correios e bancários fizeram greves nacionais. Rodoviários pararam várias cidades do país e a Grande São Paulo foi parada pela greve dos ferroviários da CPTM. Também os trabalhadores em processamento de dados voltaram a paralisar.

Os bombeiros do Rio de Janeiro protagonizaram um enfrentamento duríssimo com o governo Sérgio Cabral (PMDB), o que provocou uma comoção popular e a unidade com os professores. Foram seguidos por greves das corporações militares e policiais civis em vários estados, com destaque para a dos militares paraibanos e, recentemente, a dos policiais civis e militares do Maranhão, que se enfrentou com a oligarquia dos Sarney.

EDUCAÇÃO

O funcionalismo público seguiu em sua luta contra o desmonte dos governos e por melhores condições de trabalho. O destaque ficou por conta dos trabalhadores em educação das redes estaduais, que realizaram greves em nada menos do que 22 estados, algumas com meses de duração. Na pauta, como reivindicações centrais, o piso salarial e plano de carreira.

Mas a política da maioria da direção da CNTE, a confederação da categoria, que se recusou a unificar as greves, acabou pesando para que parte das lutas não alcançasse a vitória, apesar do heroísmo dos trabalhadores.

Entre os servidores federais, os trabalhadores da base da Fasubra (servidores das universidades) e do Sinasefe (servidores das instituições do ensino técnico) realizaram também longas greves. A eles se somaram os do Judiciário, docentes de universidades estaduais e outros setores.

QUEDA DE BRAÇO

Os enfrentamentos foram marcados pela dureza do governo e dos patrões. A economia brasileira ainda não sente os efeitos da crise internacional com tanta intensidade, mas a patronal e o governo endureceram. As conquistas vieram com muita resistência e disposição dos trabalhadores.

O governo Dilma, gozando da popularidade herdada de Lula, não deu refresco desde o início do mandato. Não cedeu no reajuste do salário mínimo, seguiu com a política de privatizações, com destaque para a entrega dos aeroportos e dos Correios e mantém, na pauta, a política das reformas sindical, trabalhista e previdenciária.

Seguem em tramitação no Congresso Nacional diversos projetos que atacam direitos dos servidores e congelam salários. A criminalização dos movimentos sociais também foi intensa nesse primeiro ano.

Ainda assim, a resistência dos trabalhadores seguiu. Nenhuma derrota de peso foi imposta aos movimentos sindicais e populares, o que prenuncia um 2012 de muita luta e enfrentamentos, principalmente se os efeitos da crise econômica vierem a repercutir com mais força no Brasil.

Vende-se Correios

Opinião Socialista

CRISE ECONÔMICA

TARSILA DO AMARAL: 125 ANOS DA ARTISTA MODERNISTA

LÍBIA: REVOLUÇÃO OU GOLPE DO IMPERIALISMO?

OS 431
De 7 a 20 de setembro

PSTU Boletim nacional Edição 40 - setembro 2011

PARTIDO SOCIALISTA DOS TRABALHADORES UNIFICADO

www.pstu.org.br

Aumentos salariais já! Se a economia cresceu, os trabalhadores querem o seu!

Contra a política econômica de arrocho e privatizações do governo Dilma!

BOLETIM 40
Setembro

CSP-Conlutas impulsiona unidade de ação

Central trabalhou incansavelmente pela unificação das lutas, com diversas iniciativas e impulsionando um espaço de unidade que se reúne em Brasília desde novembro de 2010

A central capitaneou um dia de mobilização nacional, em 28 de abril, que envolveu trabalhadores de cinqüenta categorias, em dezesseis estados de todas as regiões do país. Participaram a ANEL, MTST, MST, Via Campesina, MUST, Quilombo Raça e Classe, Movimento Mulheres em Luta e Movimento Passe Livre, dentre outros. Em alguns estados houve também a participação de outras centrais sindicais. Cerca de 140 entidades se envolveram nas atividades. Trinta mil pessoas participaram de atos e passeatas.

De 17 a 26 de agosto aconteceu a Jornada Nacional de Mobilização, com manifestações nos estados e uma caravana a Brasília, no dia 24. Além da CSP-Conlutas, convocaram as atividades a CNESF, COBAP, ANEL, Condsef, MTL, MTST, MST, UST, Intersindical e diversas outras entidades.

A jornada cumpriu os seus objetivos, possibilitando a unificação de diversas categorias e movimentos sociais em atividades comuns. As manifestações nos estados tiveram impacto positivo para os setores envolvidos, como nos casos de Belo Horizonte, Porto Alegre, Fortaleza, Belém e São José dos Campos, dentre outros. As organizações da Via Campesina realizaram atividades em quase todo o país.

A Marcha em Brasília foi o ponto alto das atividades, reunindo 20 mil manifestantes, com destaque para as colunas da Central e de suas entidades. A unidade de ação mais ampla conquistada na jornada foi uma vitória importante. As bandeiras levantadas pelos participantes contendo a denúncia das políticas do governo e as exigências das categorias e movimentos populares e estudantis conferiram, objetivamente, à manifestação, um caráter de protesto contra o governo Dilma.

A força da manifestação fez com que um representante da direção nacional da CUT comparecesse ao protesto.

Representações da CSP-Conlutas, movimentos filiados e outras entidades que organizaram a marcha foram recebidas em audiências com representantes de diversos ministérios. A imprensa teve que registrar, com algum destaque, as manifestações e atividades do dia 24. ■

É preciso construir a unidade

Na véspera da marcha em Brasília a diretoria da Fenasps (federação que representa os sindicatos dos trabalhadores da Seguridade Social) recebeu uma delegação da CSP-Conlutas e reafirmou o compromisso de buscar avançar a unidade dos setores classistas e combativos numa mesma organização nacional.

Na reunião, ficou acertado que os companheiros da Fenasps e suas entidades filiadas participassem do processo de construção do I Congresso da CSP-Conlutas.

Desde então, a Fenasps tem participado das reuniões da Central, como observadora, e impulsionou um manifesto assinado por mais de 300 dirigentes da Intersindical, que reivindicam a retomada das discussões com os setores que constroem a CSP-Conlutas.

A unidade entre a CSP-Conlutas e esses setores possibilitou vitórias importantes no congresso da federação dos metroviários, no sindicato dos professores do Amapá e no Sintest, que representa os servidores das universidades do Paraná.

O desafio do Primeiro Congresso

O I Congresso da CSP-Conlutas acontecerá de 27 de abril a 1º de maio de 2012, na Estância Árvore da Vida, em Sumaré (SP). No 1º de Maio acontecerá um ato nacional, na cidade de São Paulo.

O congresso deve armar a Central e entidades filiadas para embates duros com os patrões e o governo. Ocorrerá em meio à grave crise econômica capitalista mundial que vem se aprofundando, e cujos reflexos no Brasil, ainda limitados, já influenciam as políticas de governo e o endurecimento da patronal nas campanhas salariais.

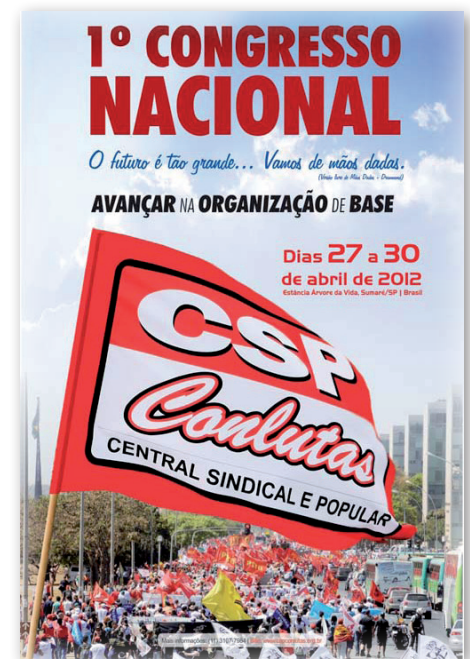
O congresso deve fortalecer a alternativa que estamos construindo, avançar na consolidação da entidade e na incorporação de novos setores de vanguarda surgidos no calor das lutas e mobilizações.

A CSP-Conlutas vem se fortalecendo, manteve a iniciativa política numa conjuntura ainda marcada pela força do governo: interveio de maneira decidida em vários conflitos, aproveitando o ascenso das lutas econômicas em 2011.

A Central foi um ponto de apoio político, material e financeiro para as lutas do movimento popular organizado na Resistência Urbana – Frente Nacional de Movimentos (que agrupa movimentos de dentro e de fora da CSP-Conlutas) e iniciou o processo de organização do setor da Central no movimento popular do campo.

A CSP-Conlutas impulsionou diversas campanhas políticas, dentre elas a campanha contra a criminalização dos movimentos sociais e a campanha pelos 10% do PIB, já, para a educação pública.

A Central teve iniciativas internacionais importantes, em particular na luta contra a ocupação militar no Haiti, na solidariedade ao povo palestino e no apoio às lutas dos trabalhadores europeus contra os planos de ajuste.

Logo após o congresso está prevista uma reunião internacional, organizada pela CSP-Conlutas e pela central sindical francesa Solidaires. A reunião deverá reunir expressões do sindicalismo alternativo e de base da Europa, além de organizações da América Latina e do norte da África. ■

CARTAZ para o 1º Congresso da Central.

Fortalecer a organização de base

O I Congresso da CSP-Conlutas terá como tema a organização de base. Mais do que um pressuposto para o exercício da democracia operária e o combate à burocratização, a organização de base é uma necessidade para acumular a experiência de exercício do poder pelos trabalhadores, apontando o embrião de uma sociedade gerida pela maioria do povo pobre e trabalhador.

Nos dias 26 e 27 de novembro ocorreu um Seminário Nacional sobre o tema, que reuniu 240 ativistas, representando comissões de base, comandos, delegados e representantes sindicais, comissões de fábrica, Cipas e oposições sindicais.

O seminário apontou resoluções que dimensionam o papel estratégico do tema, propõe a sua incorporação ao trabalho cotidiano da Central. Também definiu pela realização de uma campanha que exija a regulamentação do direito à eleição dos delegados sindicais, já previsto na Constituição.

A FARRA DOS BANQUEIROS

Opinião Socialista

TRABALHADORES VÃO À LUTA!

COPA 2014: "FORA RICARDO TEIXEIRA"

JUVENTUDE: NAS RUAS CONTRA A CORRUPÇÃO

CRISE ECONÔMICA

OS 432
21 de Setembro a 4 de Outubro

O PETRÓLEO TEM QUE VOLTAR A SER NOSSO

Opinião Socialista

GREVES TOMAM CONTA DO PAÍS

APOIAR O POVO PALESTINO CONTRA ISRAEL E O IMPERIALISMO

OS 433
De 05 a 18 de outubro de 2011

ATO em homenagem aos 20 anos sem Nahuel Moreno, realizado em 2007, no Memorial da América Latina, em São Paulo.

A LIT-QI diante de novos e maiores desafios

ALEJANDRO ITURBE, da LIT-QI

Entre os dias 30 de outubro e 5 de novembro, a Liga Internacional dos Trabalhadores – Quarta Internacional (LIT-QI) realizou seu 10º Congresso. Muito intenso e com muito trabalho, o congresso mostrou uma LIT viva e em crescimento, mas também teve a preocupação política de intervir ativamente nos processos vivos da luta de classes que se desenvolvem em todo o mundo, e enfrentar os grandes desafios na imensa tarefa de ajudar a construir uma direção revolucionária internacional.

No que se refere ao crescimento da LIT, participaram do congresso quatro novas seções ou organizações: o PST (Honduras), a Voz dos Trabalhadores (EUA), o Grupo Socialista Operário (México) e Liga dos Trabalhadores pelo Socialismo (LTS), do Panamá. Em outros países, onde já existiam partidos e organizações filiadas, ocorreram processos de fusão com outras organizações que deram origem a novos partidos, como foram os casos da Argentina e El Salvador. Também foram evidenciados importantes avanços nos processos de intervenção da maioria das organizações nacionais.

Tudo isso é resultado do avanço das lutas em todo o mundo. Mas, também, expressa o acerto da atuação política da LIT-QI. Ao invés de se render aos encantos dos governos de Frente Popular (como o de Lula e Dilma, no Brasil; ou de Evo Morales, na Bolívia) e "nacionalistas" (como o de Chávez), defendemos a mais absoluta independência dos trabalhadores perante todos esses governos burgueses, como única forma de, podermos, algum dia caminhar realmente para o socialismo. Por outro lado, o fortalecimento da LIT também é fruto da sua ligação concreta com os mais diversos processos de lutas e de resistência dos trabalhadores.

Para expressar essa nova realidade, decidiu-se ampliar o critério e o número de delegados representando às seções e organizações simpatizantes da LIT. Dessa forma, foi possível reunir uma ampla camada de quadros, muitos deles jovens, representando uma nova geração de militantes e dirigentes revolucionários.

PRINCIPAIS DEBATES

Os debates políticos foram intensos em todos os pontos. Neles se refletiu não só a nova situação da luta de classes mundial, como também as diferentes experiências e realidades nacionais e regionais.

Sobre a situação mundial, uma das principais discussões girou em torno do significado da etapa aberta a partir do fim dos ex-Estados operários e da destruição do aparelho central de stalinismo. Ou seja, se esta etapa se caracteriza como revolucionária ou reacionária. Assim, mantemos um debate muito importante para nossas definições políticas realizadas nos fins dos anos 1990 e inícios dos anos 2000. O Congresso resolveu manter a caracterização de que a etapa aberta nos 1990 é revolucionária, como formulava o documento ao pré-congresso. E que, dentro dessa etapa, vivemos, hoje, uma situação revolucionária pela combinação da crise política do imperialismo (em razão de suas derrotas político-militares no Iraque e a quase segura derrota no Afeganistão), da profunda crise econômica aberta em 2007 e dos processos da luta de classes, especialmente no Norte da África, Oriente Médio e na Europa.

EUROPA

Outra polêmica foi sobre a precisão da definição da situação da luta de classes no continente europeu. No debate, expressou-se um acordo geral sobre o fato de que Europa é, em nossos dias, um dos picos altos da luta de classes mundial e que a situação de conjunto tende a se agravar. Mudanças históricas podem ocorrer no velho continente. O agravamento da crise econômica e política poderá abrir situações de crise revolucionaria no continente.

NORTE DA ÁFRICA E ORIENTE MÉDIO

Os participantes do congresso tem um acordo geral sobre a caracterização de que a região vive um processo revolucionário e que a derrubada de Kadafi, na Líbia, e a luta contra o regime de Assad, na Síria, são parte deste processo e não "intervenções" ou "agressões imperialistas", como afirmam setores da esquerda mundial.

AMÉRICA LATINA

Houve um consenso sobre as definições centrais do documento apresentado e discutido no pré-congresso. Nele afirma-se que a situação revolucionária, vivida pelo subcontinente na primeira metade da década passada, havia se encerrado pela combinação da ação dos governos de Frente Popular e nacionalistas populistas, e o "respiro econômico" que a região gozava, em meio da crise mundial. A situação definiu-se então como "não revolucionária". O documento foi aprovado com uma série de agregados e atualizações a partir das diferentes intervenções, especialmente no sentido de que a evolução desta situação está condicionada ao agravamento da crise econômica mundial e seu impacto sobre os países latino-americanos, o desgaste dos governos e a influência da luta na Europa e do Norte da África e Oriente Médio. ■

LIT comemora 30 anos em 2012

Em janeiro de 1982, era fundada a LIT-QI. A fundação da Liga foi um passo importante para avançar na construção de um partido mundial da revolução. Em 2012 vamos resgatar os mais importantes capítulos desta história e divulgá-los. Além de artigos e vídeos serão realizados diversos atos pelo país. Em outubro, um grande ato internacional será realizado em Bueno Aires, Argentina, em comemoração aos 30 anos da Liga.

Para a maior parte da esquerda, infelizmente, a importância da construção de partido mundial se perdeu. Os capitalistas, porém, aplicam uma só política mundial, por meio de planos neoliberais ou "ajustes estruturais" do FMI, em todo o planeta. Se a economia é mundial e está acima do que é típico de um país, para lutar contra o sistema os trabalhadores devem ter uma organização mundial, para derrubar o capitalismo e impulsionar a revolução socialista.

Como definia Leon Trotsky, para os revolucionários *"na época atual, infinitamente mais que durante a precedente, só se deve e pode deduzir-se o sentido em que se dirige o proletariado desde o ponto de vista nacional da direção seguida no domínio internacional, e não ao contrário. Nisso consiste a diferença fundamental que separa, no ponto de partida, o internacionalismo comunista das diversas variedades do socialismo nacional"*.

Portanto, o partido mundial da revolução é a única ferramenta que pode derrotar o imperialismo. Uma luta na qual a Liga Internacional dos Trabalhadores (LIT-QI) está engajada há quase 30 anos.

BOLETIM JUVENTUDE
15-O

OS 434
De 20 de outubro a 22 de novembro

** Edição especial do Opinião Socialista, dedicada à luta pelos 10% do PIB já*

Novas tragédias anunciadas?

Chevron, Belo Monte e novo Código Florestal: duros golpes ao meio ambiente e aos trabalhadores no fim do ano

EXIGÊNCIAS à presidenta Dilma presentes nos protestos.

JEFERSON CHOMA, da redação

O vazamento de petróleo da Chevron, a construção da usina de Belo Monte e as mudanças no Código Florestal têm muito mais em comum do que se imagina. Estão vinculados a política econômica do governo Dilma, cujo objetivo é avançar na conversão do país em produtor-exportador de matérias-prima para o mercado internacional.

SUJEIRA DA CHEVRON E O GOVERNO

O vazamento da Chevron é um aviso que a costa do Brasil pode virar um novo Golfo do México. Em 2010, uma mega vazamento da British Petroleum (BP) no golfo provocou uma das maiores tragédias ambientais da história.

A petroleira tentou esconder o acidente dizendo que se tratava de um "acidente natural". Depois, os executivos da empresa não tiveram escrúpulos em mostrar que se lixavam para o desastre. *"Se alguém acha que esse tipo de coisa não vai se repetir, gostaria de conversar com ele"*, esnobou o executivo da Chevron na América Latina, Ali Moshiri, em entrevista ao jornal Valor Econômico, no dia 1º de dezembro.

Os crimes da Chevron são bem conhecidos. Grupos indígenas e 80 comunidades equatorianas até hoje lutam por indenizações da Chevron que destruiu suas terras e alastrou doenças.

Mas o vazamento na Bacia de Campos também é responsabilidade do governo federal, que entrega nosso petróleo à sanha das petroleiras estrangeiras por meio dos leilões. A Chevron explora o Campo do Frade desde 2009, quando arrematou a área por meio dos leilões de licitação de petróleo, mantidos pelo governo Lula. Segundo a Polícia Federal, a petroleira tinha uma sonda com capacidade de atingir até 7,6 mil metros, apesar do petróleo ali ser acessível a menos da metade dessa profundidade. A suspeita é de que a multinacional estaria explorando, clandestinamente, a camada pré-sal.

Mesmo diante do roubo do petróleo, o governo quase nada fez para punir a petroleira. Limitou-se a impedir que a Chevron realizasse novas explorações no país (ou seja, antigos negócios foram mantidos) e aplicou multas que sequer ameaçam os lucros da petroleira.

Para impedir novos desastres é fundamental a retomada do monopólio estatal do Petróleo e que a Petrobras se torne 100% estatal. Somente o povo brasileiro e os trabalhadores poderão extrair este combustível de forma segura e de acordo com sua necessidade. A Chevron no Brasil deve ser expropriada e seus executivos devem ser julgados.

O "BELO MONSTRO" DE DILMA

Um dos maiores projetos do governo, a usina hidroelétrica de Belo Monte, é mais um projeto que visa beneficiar grandes empresas, sobretudo as mineradoras Vale e Alcoa, que atuam no Pará.

Orçada em R$ 25 bilhões, a obra será financiada quase que totalmente com recursos públicos. O BNDES vai financiar 80% dos recursos para obra e os empresários terão 30 anos para pagar.

Belo Monte vai alterar o escoamento do rio Xingu, reduzindo o fluxo de água. Os maiores prejudicados serão as populações indígenas e ribeirinhas. Também vai afetar a flora e fauna, com diversos impactos socioeconômicos.

Como se não bastasse, as empreiteiras do Consórcio Construtor Belo Monte (CCBM) submetem os operários a situações degradantes. No dia 25 de novembro, os trabalhadores cruzaram os braços, por condições de trabalho. *"A água estava cinza"*, relata N. ao Portal Xingu Vivo. Segundo o portal, mais de 200 trabalhadores passaram mal por conta da água e do almoço estragado.

"DILMÃO CONCORDOU COM TUDO"

Quando fechávamos essa edição, o novo Código Florestal estava para ser aprovado no Senado. Antes mesmo da votação, a senadora Kátia Abreu, líder da bancada ruralista, já comemorava. Um jornalista de *O Globo* flagrou a senadora conversando com colegas ruralistas. Kátia teria dito, empolgada: *"Conseguimos tudo o que a gente queria. Dilmão concordou com tudo"*.

O relatório do senador Jorge Viana (PT-AC) contém graves ataques, como a permissão a novos desmatamentos e a anistia a quem desmatou ilegalmente. Depois da votação no Senado, o projeto retorna à Câmara dos Deputados e vai para a mesa da presidente Dilma.

O novo código representa o maior ataque ambiental da história do país. Seu objetivo é flexibilizar a legislação para fortalecimento do agronegócio e, assim, avançar na conversão do país em uma semicolônia, produtora e exportadora de matérias-prima.

É preciso exigir o veto de Dilma ao projeto. Se for sancionado, o novo código vai resultar em novas tragédias, como o aumento de desmoronamento de encostas em épocas de chuvas, assoreamento de rios, destruição da biodiversidade e no aumento da violência no campo. ■

Chuva pode provocar novos desastres

TRAGÉDIA em Nova Friburgo.

Para milhões de trabalhadores, o começo da temporada das chuvas traz conhecidas ameaças de mortes e destruição. Tragédias como a que atingiu a região serrana do Rio de Janeiro poderão se repetir em breve. Na ocasião, centenas de pessoas morreram soterradas, arrastadas por avalanches de pedras, árvores e terra.

A tragédia das enchentes se repete ano após ano. Mas a única coisa que os governantes sabem fazer é repetir velhas e demagógicas promessas

Depois de visitar Nova Friburgo, a presidente Dilma anunciou com festa a criação de um sistema de alertas contra enchentes e desabamentos. Mas o projeto não saiu do papel. Sequer os R$ 21 milhões de reais, previstos para a criação do sistema, foram desembolsados.

Some-se a isso, o descaso geral com a população. Até hoje, o governo de Sergio Cabral (PMDB) não reconstruiu sequer uma casa para os desabrigados de Nova Friburgo. Optou pela prorrogação do chamado "auxílio aluguel". Mas, quando o assunto é dinheiro para empreiteiras das obras da Copa e dos Jogos Olímpicos...

Mais uma vez, os governantes vão tentar responsabilizar "a natureza", pelas tragédias. Mas, a verdade é que todas essas mortes podem ser evitadas, e os únicos responsáveis por elas serão os governantes.

PSTU Boletim nacional Edição 41 - Novembro.2011 www.pstu.org.br

Fala Zé Maria
Presidente nacional do PSTU

Todo apoio ao plebiscito popular!

De 6 a 30/11, participe da votação em sua cidade

A CSP Conlutas, a ANEL, o ANDES e muitos sindicatos decidiram convocar um plebiscito popentre os dias 6 e 30 de novembro. Nesse plebiscito, a população dirá se concorda com a proposta de 10% do PIB já para a educação pública. Com esse investimento seria possível ter as creches necessárias, um ensino básico público de qualidade e mais vagas nas universidades públicas.

Chamamos você a entrar nessa campanha, organizando a votação em seu bairro, escola ou empresa.

É preciso dar um basta no caos da educação. Vamos fazer uma grande mobilização, por todo o país, para exigir de Dilma 10% do PIB já para a educação pública.

Plano Nacional de Educação, do governo, não garante as verbas mínimas que o setor precisa...

BASTA! É preciso investir 10% do PIB na educação pública já.

A situação do ensino é caótica. As creches públicas são poucas e as particulares caríssimas. Muitas famílias têm de deixar seus filhos com parentes e vizinhos para trabalhar. O Brasil tem o maior índice de analfabetismo da América Latina (9,7%). E um em cada três brasileiros sabe ler, mas não entende o que lê. Ou seja, é um analfabeto funcional. As escolas do ensino básico estão superlotadas e boa parte aos pedaços.

Os professores recebem uma miséria e tiveram de ir à greve em todo o país. Com a privatização do ensino, as universidades privadas já têm 74% das vagas no país, enquanto as públicas estão em crise, por falta de verbas.

A cada eleição, candidatos, tanto do PT como da direita (PSDB e DEM) falam da "prioridade para a educação." Dizem que basta votar neles e tudo se resolverá. E tudo segue igual.

O PSDB esteve no governo por oito anos, e nada mudou. Agora, Dilma já realiza o terceiro mandato do PT, sem qualquer modificação de qualidade em relação à educação pública.

Essa situação é ainda mais grave para as mulheres, pela falta de creches públicas, e pelo assédio moral e sexual nas escolas.

O analfabetismo e a exclusão das universidades é ainda maior entre os negros e negras. E o "bullying" corre solto nas escolas, principalmente contra homossexuais, mulheres e negros.

As pesquisas indicam que os trabalhadores ainda apóiam Dilma Roussef. Mas, em relação à educação, a maior parte (51%) desaprova a política do governo. As expectativas de mudanças, a partir dos investimentos para a Copa e Olimpíada ou pelo dinheiro do pré-sal vão ser mais uma vez frustradas. O crescimento que o país já teve não se reverteu em nada em melhoria na educação e saúde públicas.

O país cresce, mas só uma minoria fica ainda mais rica.

Amanda Gurgel

Falta dinheiro?

Muita gente acha que o problema do ensino é falta de recursos. Não é verdade.

O governo tem dinheiro. O que acontece é que enviou quase metade (49,15%) de tudo que arrecadou em impostos e taxas em 2011 aos banqueiros, para pagar uma dívida que não existe. Isso é mais que 16 vezes o que vai para a educação. Seria possível ter educação pública, gratuita e de qualidade em todo o país, se o governo não desviasse o dinheiro da educação para os bancos.

Os banqueiros mandam no país. Só que eles não precisam da educação pública.

Amanda é professora do Rio Grande do Norte

Opinião Socialista
WWW.PSTU.ORG.BR NÚMERO 435 ► 23 DE NOVEMBRO A 6 DE DEZEMBRO DE 2011 ► ANO 15 R$ 2

Parlamento grego é cercado por manifestantes que lutam contra ataques aos trabalhadores

EUROPA EM GUERRA SOCIAL: uma luta sem tréguas contra o Capital [págs. 9, 10 e 11]

EGÍPCIOS VOLTAM À PRAÇA TAHRIR CONTRA JUNTA MILITAR [pág. 18]

OCUPAÇÃO DA ROCINHA NÃO VAI RESOLVER SEGURANÇA [pág. 4]

A QUEM INTERESSA A DIVISÃO DO ESTADO DO PARÁ? [pág. 5]

CONVERGÊNCIA SOCIALISTA LANÇA CAMPANHA PELA ANISTIA [pág. 8]

ARTE, POLÍTICA E REVOLUÇÃO EM MÁRIO PEDROSA [pág. 17]

[pág. 20] 10% DO PIB NA EDUCAÇÃO PÚBLICA JÁ! PLEBISCITO ENTRA NA RETA FINAL

POR QUE APOIAR A LUTA DOS ESTUDANTES DA USP? [págs. 12 e 13]

POLÊMICA AOS NOVOS MOVIMENTOS E SUAS DIFERENÇAS COM OS SOCIALISTAS [págs. 6 e 7]

OS 435
De 23 de dezembro a 6 de dezembro

2012

PSTU se fortalece em 2011

ANDRÉ FREIRE,
da Direção Nacional do PSTU

O PSTU se fortaleceu em 2011 como alternativa para os trabalhadores e a juventude que querem lutar contra o capitalismo e pelo socialismo.

Em nível internacional, vimos o aprofundamento da crise da economia capitalista, especialmente na Europa e nos EUA e, por outro lado, o crescimento das lutas dos trabalhadores contra os planos de ajustes.

Vimos, também, eclodir as revoluções no mundo árabe contra as ditaduras e a opressão imperialista.

No Haiti, segue a heróica luta de seu povo pela retirada das tropas da ONU. Também na América Latina assistimos a retomada das mobilizações, especialmente com a juventude no Chile e, agora, na Colômbia.

O PSTU, como parte da Liga Internacional dos Trabalhadores (LIT-QI), esteve na linha de frente do apoio as essas lutas e revoluções, concretizando um dos princípios do partido: o internacionalismo proletário.

Realizamos campanhas políticas de solidariedade, que divulgaram a importância destas lutas. Nossos militantes foram parte de delegações internacionais da CSP-Conlutas e da Anel e buscaram estabelecer uma ação internacional e coordenada das lutas.

PRESENÇA NAS LUTAS OPERÁRIAS

E, no Brasil, mesmo vivendo ainda em uma situação de relativo crescimento econômico e de apoio majoritário ao governo Dilma, vimos que os trabalhadores e a juventude foram às lutas contra as desigualdades sociais impostas pela política econômica dos governos do PT. O destaque ficou para as greves na classe operária, como a dos metalúrgicos, os operários da construção civil e nos petroleiros.

NENHUMA CONFIANÇA NO GOVERNO

A forte presença da militância do partido na maioria destas lutas é uma marca fundamental de nossa organização revolucionária. Mas, em cada uma destas lutas, buscamos dialogar com os trabalhadores explicando que, para conquistar suas reivindicações, sempre será necessário apostar na força da nossa luta e organização, sem nenhuma confiança nos patrões e em qualquer governo.

Especialmente, neste primeiro ano de governo Dilma, buscamos demonstrar aos trabalhadores que o atual governo do PT, assim como o anterior, de Lula, governa para atender aos interesses dos grandes empresários, como podemos ver com a destinação de quase metade do orçamento para pagar os juros e amortizações da dívida pública.

Foi com este perfil, de luta, socialista, internacionalista e de oposição de esquerda aos governos de conciliação de classes do PT, que vimos crescer a influência do partido entre importantes setores da classe trabalhadora e da juventude, e um aumento significativo no número de militantes que ingressaram em nossa organização, especialmente na classe operária. ■

Nosso congresso e os desafios para 2012

Em outubro, realizamos o nosso 7° Congresso Nacional, marcado pelo intenso debate político. Vários documentos foram escritos pela militância, muitos polêmicos entre si, e, com muita dedicação militante e elaboração coletiva, chegamos, ao final, às resoluções que buscam armar e fortalecer a nossa organização para os desafios do próximo período.

Nosso congresso reafirmou a luta por ampliar a inserção da organização na classe operária e definiu a tarefa estratégica de fortalecer nosso trabalho político, dando um salto em nossas campanhas e, principalmente, no trabalho político cotidiano como partido revolucionário, através de nossas atividades de agitação e propaganda.

Definiu também tornar uma prioridade da nossa organização: a luta contra todas as formas de opressão, contra mulheres, negros (as) e LGBTs. Para seguir essa discussão estratégica, vamos realizar, já em março de 2012, o 5° Encontro Nacional das Mulheres do partido.

Outra tarefa fundamental será a busca permanente por apoiar e desenvolver a organização de base dos trabalhadores, especialmente nos locais de trabalho.

Em 2012, novamente teremos intervenção em importantes acontecimentos políticos, como greves e mobilizações, principalmente nas campanhas salariais, e a realização do primeiro congresso da CSP-Conlutas, entidade que vem se fortalecendo como principal pólo alternativo, democrático e de luta contra a traição das centrais sindicais governistas.

Também vamos participar com nossos candidatos, nas eleições, lutando pela independência política da classe trabalhadora.

Em cada atividade, vamos participar com estes objetivos: ampliar nossa inserção política na classe operária, fortalecer nossa atuação como partido político revolucionário, reafirmar nosso perfil contra todas as opressões e apoiar a luta pela organização independente dos trabalhadores.

Será com esta disposição que esperamos, em 2012, darmos passos ainda mais significativos na construção do PSTU como organização socialista e revolucionária. Junte-se a nós nesta luta!

NO RIO em defesa dos bombeiros, 12 de junho.

EM BRASÍLIA na Jornada Nacional de Lutas, 24 de agosto.

Campanha pela justiça, reparação e verdade

Da Redação

O PSTU está realizando uma campanha nacional pela reparação aos militantes da Convergência Socialista (CS) e da Liga Operária (LO) que foram perseguidos, torturados e demitidos pela ditadura militar. Os ex-presos e perseguidos destas organizações apresentaram à Comissão de Anistia uma lista de 75 militantes que tem pedidos de anistia protocolados junto à comissão. Eles pedem o reconhecimento de um grupo da CS e um julgamento em bloco. *"Defender que a Verdade venha à tona, que se possa reconstituir a memória das vítimas desta perseguição, que haja Justiça e punição aos torturadores e assassinos, não é um exercício de nostalgia. É uma iniciativa para que isso nunca mais volte a acontecer em nossa história para que não haja torturas nem criminalização dos movimentos sociais"*, explica Bernardo Cerdeira, militante da CS e ex-preso político.

A campanha também resgata a trajetória desses militantes e suas antigas organizações. Entre as operações de repressão da ditadura, destacam-se a prisão e tortura de militantes da LO, em maior de 1977, e a prisão da direção da CS, em agosto de 1978.

Mais de 150 militantes da CS foram presos e enquadrados pela Lei de Segurança Nacional. Muitos foram demitidos em razão devido a perseguição política.